

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

FERNANDA CALAZANS CARVALHO

**EDUCAÇÃO PARA A MAIORIDADE DIANTE DO RACISMO EM  
CONTEXTOS DIVERSOS: LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA  
DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

TRÊS LAGOAS/MS

2024

FERNANDA CALAZANS CARVALHO

**EDUCAÇÃO PARA A MAIORIDADE DIANTE DO RACISMO  
EM CONTEXTOS DIVERSOS: LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA  
DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Câmpus de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientação: Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – CPTL

---

Profa. Dra. Jaqueline A. M. Zarbato  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – CPTL

---

Prof. Dr. Alex Sander da Silva  
Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC

---

Profa. Dra. Franciele Bete Petry  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Dedico esta dissertação à minha mãe  
e ao meu orientador que não me  
deixaram desistir do meu sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer imensamente à razão de estar ainda na luta do meu mestrado, dona Maria Lúcia, que não me abandonou por um segundo sequer, sempre me lembrando que foi um sonho desde quando adentrei na graduação, a pessoa que mais acredita em mim neste mundo, mas do que eu mesma. Foi e sempre será a minha rocha firme e minha fã número 1, não importa o que eu faça. Eu lhe amo muito.

Agradeço a minha psicóloga Franciely, que me ouviu inúmeras vezes falar que iria desistir por não estar suportando tantas coisas na minha cabeça ao mesmo tempo, ela sempre me mostrou quão forte eu sou por ter chegado onde cheguei mesmo com todas as dificuldades que passei e que não foram poucas. Estava conquistando os planos que um dia sonhei e que não podia desistir de concretizá-los, obrigada por sempre me fazer enxergar o quão forte sou, mesmo quando estou nas piores fases.

Agradeço especialmente ao meu orientador, que não desistiu de sua ovelha perdida e que sempre foi atrás dela, obrigada por ser paciente e respeitar o meu tempo compreendendo as dificuldades pelas quais eu passei até chegar aqui, mesmo eu querendo desistir a todo momento.

As minhas amigas e prima que me acompanharam nesta trajetória, que juntamente com a minha psicóloga não me deixaram enlouquecer e perder as rédeas da minha vida, vocês são pessoas importantes na minha vida.

Mas devo tudo a Deus, que me deu forças para continuar lutando para terminar. Se não tivesse as mãos Dele em minha vida, possivelmente não estaria aqui e nem estaria realizando este sonho.

## RESUMO

CARVALO, Fernanda Calazans. Título: **Educação para a Maioridade Diante do Racismo em Contextos Diversos: Livros Didáticos de História do Ensino Fundamental I**. 2023. Dissertação (Mestrado em Pedagogia) – Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus Três Lagoas.

O presente estudo apresenta algumas reflexões de uma pesquisa desenvolvida. Por ora, a partir dos conceitos de “raça”, racismo e etnia, objetivamos refletir sobre a educação das crianças do ensino fundamental do ciclo inicial. A pesquisa se caracteriza como qualitativa documental, com a análise de materiais bibliográficos, quais sejam, livros didáticos para o ensino de história no ensino fundamental primeiro ciclo. A partir de autores como Munanga, Fanon, Stuart Hall e Mwewa, entre outros, dialogamos com os conceitos kantianos de “menoridade e maioridade” que, de certa forma, alicerçaram o conceito adorniano de “emancipação” com os quais iremos operar. Essa investigação se justifica uma vez que, se “raças” não existem biologicamente ou geneticamente, tampouco cientificamente, logo o indivíduo racista age e pensa sob a tutela de *outrém – menoridade* – que pressupôs a existência de diferentes “raças” hierarquizando-as. Concluímos que é preciso empreender um processo formativo através da educação que objetive a emancipação em direção à maioridade subjetiva. Uma vez que o racismo persiste, podemos dizer que ainda não há maioridade coletiva sobre a destituição das hierarquias raciais.

**Palavras-chave:** racismo; maioridade; educação.

## **ABSTRACT**

The present study presents some reflections from an ongoing research. For now, based on the concepts of "race," racism, and ethnicity, our aim is to reflect on the education of children in the early years of elementary school. The research is characterized as qualitative and documentary, involving the analysis of bibliographic materials, namely, history textbooks for the first cycle of elementary education. Drawing on authors such as Munanga, Fanon, Stuart Hall, and Mwewa, among others, we engage with Kantian concepts of "minority" and "majority," which, to some extent, underpin Adorno's concept of "emancipation" that we will be working with. This investigation is justified insofar as if "races" do not exist biologically, genetically, or scientifically, then the racist individual acts and thinks under the guardianship of others – minority – which presupposes the existence of different "races" and their hierarchical ordering. We conclude that it is necessary to undertake an educational formative process aimed at subjective emancipation or achieving majority. Since racism persists, it can be said that there is still no collective majority regarding the dismantling of racial hierarchies.

**Keywords:** racism, majority, education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do caderno de história do 1º ano .....	30
Figura 2 – Foto do poema sobre diversidade.....	31
Figura 3 – Atividade sobre diversidade .....	32
Figura 4 – Crianças jogando Mancala .....	34
Figura 5 – Capa do caderno de história do 2º ano .....	35
Figura 6 – Fotos sobre o passado .....	36
Figura 7 – Atividade sobre o passado e o futuro .....	37
Figura 8 – Foto do poema sobre diversidade 2.....	38
Figura 9 – Foto do texto sobre a infância indígena .....	39
Figura 10 – Cultura de outro país .....	40
Figura 11 – Foto da tirinha da turma da Mônica .....	45
Figura 12 – Capa do caderno de história do 3º ano .....	46
Figura 13 – Foto do texto sobre racismo e movimento negro .....	49
Figura 14 – Atividade de banco de palavras.....	49
Figura 15 – Foto do trecho da música da banda Palavra Cantada.....	51
Figura 16 – Foto do texto da diversidade do continente africano .....	52
Figura 17 – Capa do caderno de história do 4º ano .....	55
Figura 18 – Foto do texto sobre refugiados .....	56
Figura 19 – Foto do texto sobre a chegada dos portugueses .....	58
Figura 20 – Foto do texto sobre as mortes de indígenas depois de 1500 .....	60
Figura 21 – Capa do caderno de história do 5º ano .....	63
Figura 22 – Foto do texto sobre feijoada.....	64
Figura 23 – Capa do livro didático de ciências humanas do 5º ano, SESI-SP .....	85
Figura 24 – Capa da unidade quatro do livro didático de ciências humanas.....	87
Figura 25 – Excerto do texto <i>Nonô descobre o espelho</i> .....	89
Figura 26 – Trecho sobre as condições dos negros em 1938 .....	90
Figura 27 – Dados sobre o analfabetismo .....	91

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 DIMENSÕES CONCEITUAIS PARA PENSAR OBJETO EM TELA.....</b>	<b>21</b>
1.1 Ferramentas para pensar uma formação não racista: maioria e autonomia .....	23
1.2 Identidade(s), “raça” e educação .....	25
<b>3 DIMENSÕES CONTEXTUAIS DOS CONTEÚDOS DOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I.....</b>	<b>30</b>
<b>4 EDUCAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS E “RACIAIS” NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I....</b>	<b>65</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>75</b>
<b>EPÍLOGO .....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>94</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....</b>	<b>97</b>

## PRÓLOGO

Esta pesquisa foi uma continuação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que tinha como tema a educação e o racismo, este como perpetuação do pensamento, e a educação como formadora de cidadãos autônomos, no sentido de todos possuírem opiniões próprias, teria papel de romper com esse pensamento. Para esta discussão, temos como base teórica alguns filósofos e pensadores, mas os principais são os dois grandes pensadores Immanuel Kant e Theodor Adorno, que abordam a maioria e a minoria.

Nesta pesquisa, nós vamos explicitar, contextualizar e analisar a forma e o conteúdo das questões étnicas e “raciais” nos livros didáticos de História do primeiro ao 5º ano das escolas públicas com a finalidade de compreendermos que talvez, se a criança tiver autonomia, ela possa não reproduzir as ideias ultrapassadas que os adultos de seu círculo social.

Para isso, contextualizamos alguns pontos-chave como os conceitos de identidades, minorias e majorias (conceito de autonomia), formação para a emancipação do sujeito, formação de professores nas disciplinas que possam ajudar para a emancipação do sujeito criança no tema das relações “étnico-raciais”.

Além disso, no primeiro momento, devemos compreender que a educação, segundo a *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*, é um direito de todos e dever do Estado, e o ensino passa a ser obrigatório dos 4 aos 17 anos de idade do indivíduo (Brasil, [2016]). Ainda, temos a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), que estabelece alguns princípios-base para o ensino que são: “Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: (...) IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância; (...) XII - consideração com a diversidade étnico-racial” (Brasil, 1996). E a Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003), que altera o artigo 26-A da Lei nº 9.394/96, que posteriormente foi alterado novamente pela Lei nº 11.645/08.

Sendo assim, vimos que a criança passa boa parte da sua vida dentro da escola para formar a sua identidade e suas opiniões com base em conhecimentos científicos, e os educadores devem mostrar à criança que todos

esses atos racistas e violentos para com os negros são crimes que não têm nenhum motivo, mesmo que às vezes pessoas pensem que eles são inferiores. Estudos apontam que essas são apenas ideias que surgiram há anos e que não têm respaldo na ciência, muito pelo contrário, se entrarmos no Google qualquer artigo nos mostra que não passa de senso comum.

A formação da identidade da criança é um processo complexo no qual ela está alheia a todo e qualquer pensamento e opinião dos adultos ao seu redor, sendo eles os responsáveis a ajudá-la nessa etapa. Os pequenos frequentemente copiam os comportamentos dos adultos e dos seus colegas. Nesse momento de desenvolvimento do infante, a socialização é importante para que ele tenha o desenvolvimento de uma identidade não preconceituosa. Mas se presenciar comportamentos que informem o contrário, é provável que ele se espelhe nessas ações e construa uma identidade diferente da desejada.

Pensando assim, devem ser respeitadas as diversidades que se encontram na escola, mas nem sempre o são. Aqui nos deparamos com uma questão: se somos auxiliadoras/mediadoras na formação da identidade do indivíduo na infância, no entanto não agimos com atitude de respeito às diferenças, qual o tipo de crianças que estaremos formando?

Se o adulto que está ao redor do educando, não respeitar as diversidades de gênero, opiniões, étnicas e sociais, qual personalidade estará se formando nesse indivíduo? Será uma identidade racista, machista e preconceituosa? Apesar de a criança não ser uma caixa vazia onde os adultos depositam suas experiências e opiniões, ela ainda assim absorve as suas vivências do meio adulto, e, se o meio no qual se insere é racista, ela terá tendência a se formar uma pessoa com comportamento similar no futuro.

Além da convivência das crianças com os adultos, outros fatos que devem ser lembrados são a maneira como esse conteúdo chega à criança, como os livros didáticos trabalham com essa problemática do racismo e da formação de uma personalidade racista/não racista na sociedade atual.

Foi pensando nesses pontos que a mim chegaram por ocasião de um trabalho solicitado na disciplina ministrada pelo Prof. Christian que me surgiu uma dúvida e um desejo de me aprofundar no assunto. A matéria em questão

era Educação e Relações Étnico-Raciais. Nela deveríamos analisar o samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira – ou simplesmente Mangueira – vencedor do Carnaval 2019 da cidade do Rio de Janeiro, *A história que a história não conta*. O samba é uma crítica à história do povo brasileiro tal qual nos é ensinada na escola, pois esta não narra de forma verdadeira os fatos históricos desta nação, excluindo a narrativa dos negros e indígenas. Nos é passada a versão europeizada desse enredo, impedindo que a verdadeira história fosse mostrada por mais de centenas de anos, sendo encoberta a todos. Quando a li, penei talvez ter encontrado uma das justificativas para que o nosso país, Brasil, ainda sim seja uma nação extremamente racista, por mais que os seus habitantes digam o contrário. Basta olharmos os noticiários de televisão ou mídias sociais que veremos que todo dia acontecem milhares de atos racistas.

Foi então que surgiu a ideia de montar o trabalho com base no pensamento kantiano, explicando a perpetuação do racismo na sociedade. Porém, a necessidade de aprofundamento no tema foi maior e acabou me gerando um desejo de continuar, que, por fim, originou então o meu TCC em 2021, entretanto essa vontade não foi saciada e continuei meus estudos até chegar à presente dissertação.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação parte da problemática de que os livros didáticos realmente formam as crianças, estudantes, para que estes tenham autonomia suficiente para compreender e ter conhecimentos válidos na área das questões étnicas e “raciais”, pensando no racismo no Brasil como foco. Sendo assim, ao tentarmos responder esta problemática, serão apresentados os conceitos de “raça”, racismo e emancipação (autonomia) para que seja possível ajudar na formação cultural do conhecimento, das crianças inseridas no ensino fundamental I, sobre as questões étnicas e “raciais”. Do mesmo modo, o intuito é analisar de que maneira os livros didáticos no ensino fundamental I, do 1º ano ao 5º ano, expõem a temática das questões/tensões étnicas e “raciais”. Como essas temáticas são apresentadas nesses livros didáticos? vem a ser a pergunta central à qual esta dissertação pretende responder.

Para isso, a pesquisa se caracteriza como qualitativa documental, pois estamos analisando os materiais didáticos que nos servem. Segundo as autoras Luciane Sgarbi Grazziotin, Viviane Klaus e Ana Paula Marques Pereira (2022), documentos são tudo o que nos transmite algum tipo de informação, seja essa informação dada por imagens, livros, diários, fotografias, entre outros meios. Assim, escolhemos os livros didáticos para o ensino de história no ensino fundamental primeiro ciclo, da editora Ática. Além desse material, foram consultados dados e leis para que fortalecesse os argumentos para a discussão posterior. Essas análises dos livros didáticos têm um olhar posterior às leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, as quais incluem no ensino básico o ensino da história e da cultura dos povos negros e indígenas. Não deixamos de lado a análise bibliográfica de artigos e livros que nos serviram de base para a discussão do objetivo proposto, pois essas leituras auxiliaram na construção de um argumento mais sólido e consistente, e também possibilitaram pontuar conceitos que foram necessários para a compreensão da pesquisa. Nesta etapa, autores como Theodor Adorno (2020a, 2020b, 2020c), Stuart Hall (2006), Kabengele Munanga (2004, 2006), Christian Mwewa (2006, 2022), entre outros, foram importantes para o entendimento e a construção desta dissertação.

Com a proposta de buscar a compreensão do porquê ainda não chegamos a ser uma sociedade que condiz com o século que se encontra e como a aquisição da autonomia do pensamento na criança e adolescente pode mudar esse cenário, buscamos entender o papel do professor para essa saída da menoridade, sem deixar de lado as mudanças que ele passa nesses períodos.

A escolha pelo ensino fundamental primeiro ciclo, 1º ano ao 5º ano, foi motivada pelo fator de que são os anos em que as crianças começam a ter um desenvolvimento de conhecimento acadêmico/empírico e uma familiarização maior com os livros didáticos, diferente dos anos anteriores. Além disso, é a idade em que elas começam a compreender a complexidade do mundo no qual estamos inseridos. E estes são os últimos anos que abrangem o domínio da formação do pedagogo.

Para ser desenvolvida a presente dissertação, a princípio foram analisados os livros didáticos Ápis, que foram utilizados no ensino fundamental I, do 1º ano ao 5º ano, da disciplina de história, visto que a pesquisa busca a compreensão de como é apresentada a trajetória cultural brasileira e como são mostrados valores das culturas negras e indígenas. Nesse sentido, destacamos a questão de como é contada a escravização dos povos negros e as questões/tensões étnicas e “raciais”.

Foi notável que as autoras tentaram não se aprofundar muito no assunto nos livros, perpassando pelo tópico de maneira superficial e quase sempre o deixando para o final, pois têm obrigatoriedade por força de lei a tão somente informar o conteúdo de forma breve. Notamos assim uma visão de que quando esses temas forem trabalhados por nós professores(as), é recorrente que o sejam de maneira perfunctória, nunca os aprofundando com os alunos, limitando-nos a informar que os negros foram escravos e que foram trazidos ao Brasil pelos navios negreiros.

E ao tentar encontrar outro material didático de outra editora da mesma época para que pudesse ser feita a comparação entre eles, não obtivemos êxito, logo limitamo-nos a ficar apenas com as nossas análises que foram feitas no primeiro momento.

Além dos livros didáticos, a pesquisa bibliográfica, como citada anteriormente não se fez dispensável, usamos de suporte principal leituras de Theodor Adorno (2020a, 2020b). Tais obras nos trazem uma ideia de emancipação do pensamento crítico e mostram o quão difícil é a transformação, a transição do sujeito para o sujeito emancipado, com autonomia. As teorias ali apresentadas puderam nos mostrar o motivo pelo qual ainda não foi possível alcançar o respeito e a igualdade de tratamento para com os povos negros no Brasil, elas nos auxiliaram a compreender que a sociedade ainda se encontra sem autonomia, no sentido que o autor apresenta em sua obra.

Mas também não fomos limitados apenas a esses autores, trouxemos outros que foram citados anteriormente. A pesquisa bibliográfica também abrangeu alguns autores que trabalham com a ideia de identidade e sua formação, para que possamos entender alguns aspectos da formação da identidade racista e não racista.

Podemos notar que pelo fato de o ensino ser precário, não ensinamos corretamente as crianças, as quais serão o futuro do nosso país, a pensarem por conta própria, adquirindo a sua autonomia intelectual, para que assim não reproduzam o que acontece diariamente em nossa sociedade. Apenas ensinamos a elas a reproduzirem o que já está feito, opiniões sobre determinados temas que já pensamos, achamos e formulamos, elas simplesmente têm que digerir o que já foi “mastigado” por outras pessoas. Moldamos elas aos padrões que são desejados pela elite racista dominante política e ideologicamente.

E para essa elite, a falta de autonomia (menoridade intelectual) é vantajosa em vários aspectos, e nessa falta de autonomia entra em questão também o fato de esses sujeitos poderem cometer crimes de racismo, uma vez que os dominados/subalternizados não dispõem dos dispositivos materiais, econômicos, legais e políticos para ver a criminalização dos atos segregatórios tal qual instrui a Constituição da República Federativa do Brasil. O não questionamento legal sobre tal ato reafirma a necessidade formativa dos sujeitos.

Por isso ao longo da dissertação abordamos, em alguns momentos, a relação da maioria e da minoridade com a perpetuação da prática da

formação da personalidade racista, que pode residir na falta de compreensão de possíveis deslizes (crimes) que não ajudam as crianças a superá-la, pois é preciso ensinar e mostrar o que aconteceu para que os racismos não se repitam (Adorno, 2020a).

Os livros didáticos elencados – do primeiro ciclo do ensino fundamental, dos seis aos dez anos, de uma escola pública do município de Andradina – foram analisados na intenção de fomentar a discussão sobre como é e foi apresentada a história negra nos livros do ensino fundamental.

Neles foram analisadas atividades e propostas de atividades sugeridas no material didático. Na primeira observação, ainda que incipiente, percebemos que nos cinco livros, não há muitas atividades que tratem sobre a cultura e história negra ou atividades que deem abertura ao professor para que ele possa trabalhar com o tema. Boa parte da história dos povos negros só vai ser mostrada no livro do 5º ano, último livro, abordando um pouco dessa história apenas em seu final, o que nos faz presumir que a maioria dos alunos não a vê, pois os professores de rede de ensino quase nunca conseguem terminá-lo. Observamos isso pelo fato de haver muitos conteúdos densos que o antecedem e de o posicionamento das autoras ser no sentido de atribuir a esses maior importância.

O livro didático Ápis selecionou mais atividades e textos de apoio que dão mais enfoque à história dos povos indígenas em relação aos negros, abordando sua cultura e seus costumes, atividades estas que estão presentes desde o primeiro livro. No caso de exercícios que envolvam a cultura e os costumes dos "afro-brasileiros", eles aparecem raramente nos primeiros livros, o material traz assuntos que ficam à mercê do planejamento e da aplicação do professor para trabalhar com as questões de racismo e homofobia, ficando a critério do docente.

Esses livros didáticos foram elaborados com base no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) planejados para serem utilizados nos anos de 2019 a 2022, mas a Secretaria Municipal de Educação de Andradina trocou o material didático pelo material do Serviço Social da Indústria (SESI).

Fomos então atrás de analisar esse material nos 4º e 5º anos, o qual já trouxe bem mais conteúdo sobre a história negra e a contribuição dela para a formação da cultura brasileira. Este último trouxe também referências de filme e um texto, que

conta como era a vinda nos navios negreiros e os sentimentos que os negros tinham nesse lugar. Além disso, abordou curiosidades, mostrando que no continente africano existe uma grande diversidade de línguas e dialetos, culturas, paisagens e climas, e apresentando palavras usadas no nosso dia a dia que são heranças dos povos africanos, como, por exemplo, mesa, sapato, queijo, entre outras.

Muitas informações e fotografias foram mostradas no livro, mas nas partes das questões perdem-se oportunidades de trabalhar de modo reflexivo os textos, um exemplo é um pequeno excerto sobre a data de 13 de maio retirado do *site* <Palmares.gov>, que poderia acrescentar uma pergunta que levasse a criança à reflexão da importância dessa data para o povo negro, qual o contexto que ocorreu isso e o porquê. No entanto, o livro trouxe no lugar a pergunta “qual o outro nome dado a data do dia 13 de maio?” (SESI, 2021, p. 62.). Apesar disso, consideramos um material muito bom para se trabalhar a cultura e a história africanas no Brasil, visto que o livro *Ápis* não trouxe muitas informações, sendo um avanço a troca de material do município, pois com o atual pode-se aprender e ensinar mais sobre os africanos e indígenas e suas respectivas culturas.

O material do SESI aponta também alguns dados que mostram o abismo social que há entre povos brancos e negros. Segundo os dados, a taxa de analfabetismo entre negros é bem maior do que entre brancos, além da renda, 40% menor que a dos brancos (8 dados, 2014).

Nesse sentido, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), 68,6% dos cargos gerenciais são ocupados e representados por brancos, e 29,9% por pretos e pardos. Quanto à questão de distribuição de renda e condição de moradia, pretos e pardos somam 32,9% da população que vive com menos de US\$ 6 por dia, e são 8,8% que sobrevivem com menos de US\$ 2 por dia, contra 15,4% e 3,6%, respectivamente, da população branca. Ademais, pretos e pardos lideram o percentual de analfabetismo, com cerca de 9,1% da população.

Mas voltando aos livros *Ápis*, focamos apenas no seu conteúdo, apesar de serem interessantes os dados que o material SESI trouxe para os alunos, para que eles possam compreender a latente discrepância social do Brasil.

Construímos uma identidade racista ou não racista. Isso cabendo não apenas ao círculo de convivência da criança, mas também ao contato da criança com o conhecimento empírico, real, o conhecimento científico, que pode ocorrer por meio dos livros didáticos, que devem mostrar a realidade dos fatos para assim ajudar a construir uma identidade na criança. Não apenas uma identidade não racista, mas também que valorize as suas características pessoais, além de valorizar a cultura e a sua história.

É necessário ensinar a cultura e o verdadeiro valor da história da cultura negra no Brasil para as crianças, para construirmos nelas uma identidade real sobre o nosso país. É preciso que elas entendam e compreendam o quão é contraproducente subjetiva e objetivamente a reprodução do racismo velado nos ambientes familiares ou nos livros que deveriam ser didáticos. Os negros (a sua existência), ou qualquer vítima de violência, não podem ser a justificativa dos seus algozes. Para tanto, devemos nos encaminhar para uma igualdade na equidade do tratamento do outro em todos os aspectos, da vida, cultural, social, política, econômica ou religiosa etc.

Para que isso aconteça de fato, temos que incentivar a busca das crianças pelo verdadeiro conhecimento, formando assim elas próprias a sua opinião sobre os assuntos. Não podemos deixar a nossa opinião de adultos, pais ou professores falar mais alto a ponto de atrapalhar esse processo de transição da maioria cognitiva delas.

A educação das crianças do ensino fundamental, primeiro ciclo, deve ser voltada para a aquisição da autonomia e a formação de identidade, sobre as quais veremos mais a frente algumas ideias, para além das práticas reprodutivas das preconceituosas presentes nos contextos formativos. Faz-se necessário que as crianças sejam ensinadas a reconhecer a trajetória dos povos negros e indígenas como elementos fundamentais na luta contra os racismos e seus enfrentamentos sem negligências.

Esta dissertação se divide nas seguintes partes: seção 1 “Dimensões conceituais para pensar objeto em tela”; seção 2 “Dimensões contextuais dos conteúdos dos livros didáticos do ensino fundamental I”; seção 3 “Educação para

a emancipação das relações étnicas e 'raciais' nos livros didáticos do ensino fundamental I"; e, finalmente, as "Considerações finais".

A primeira seção deixamos separada para a apresentação dos conceitos que serão usados como aporte teórico das nossas discussões que ocorrem na última seção. Nela trabalhamos os conceitos de autonomia e emancipação a partir de Adorno, que, por sua vez, se inspirou no conceito de maioridade kantiano que nos deu um fomento para que possamos assim tentar compreender como alcançá-lo e os impasses que vivemos, no âmbito racial, quando não conseguimos atingir a autonomia, e como esta nos ajuda a nos libertarmos dos pensamentos de outrem e servir ao nosso próprio entendimento.

Ainda na mesma seção, trabalhamos com os conceitos de "raça", racismo e etnia sob os olhares dos autores congo-brasileiros Kabengele Munanga (2004, 2006) e Christian Mwewa (2006, 2022), que deram subsídio para pontuarmos o tema e para que o leitor tenha compreensão dos conceitos, ainda que não domine ou conheça os termos.

Mais ao final dessa primeira seção, abordamos os conceitos de identidade a partir do teórico e sociólogo jamaicano-britânico Stuart Hall (2006), que nos apresenta a identidade como algo que é flexível, pois nós temos múltiplas identidades dentro de nós mesmos por conta do mundo globalizado em que vivemos. Mas ele também nos mostra que a identidade é uma das maneiras em que o outro nos enxerga, mesmo que seja apenas o que o ser humano externaliza, ainda que seja a cor da pele, o tipo de cabelo, a estatura, entre outros.

Já na segunda seção da dissertação, trabalhamos com uma análise descritiva do material didático que nos foi cedido. Nela detalhamos e trazemos recortes dos materiais didáticos para que fossem apresentadas as situações que discutimos mais adiante na última seção.

A análise desse material didático de história da Ápis tem alguns filtros para a observação, entre eles: se a Lei nº 11.645/08 foi cumprida no decorrer do conteúdo; como foram apresentadas a identidade e a cultura negra para as crianças; como os negros foram representados no decorrer desses materiais; e, por fim, quais conceitos foram apresentados na primeira seção.

A segunda seção foi bem extensa pelos fatores citados acima, trata-se de um estudo muito denso que apresenta alguns pontos importantes para a discussão que é trabalhada na próxima seção, mas que se faz necessária para que o leitor se situe e possa compreender o olhar da autora.

Na terceira seção, tratamos exclusivamente da discussão das atividades didáticas que foram apresentadas pelo material com base nos autores que apresentamos na primeira seção. Eles que nos deram suporte para que possamos fazer a conversa entre os livros e as situações que vivenciamos na sociedade atual pelos negros que aqui residem.

Abordamos as questões que nos fomentaram até o desenvolvimento desta dissertação, como a autonomia e a emancipação do indivíduo nos ajudam a romper com essas atitudes de racismos, preconceitos raciais e violências, que muitas vezes nos são provocados por pensamentos exteriores a nós.

Pensamentos esses que favorecem uma determinada classe social e desmerece outra e como a escola reproduz ou rompe com essas ideias levando o indivíduo a alcançar a sua autonomia. Leva o indivíduo a servir a si próprio, emancipando-se da sociedade racista e elitista, rompendo com o ciclo e progredindo no sentido de estar de fato no ano ao qual pertence, sem aceitar mais certas atitudes que não são mais cabíveis.

Na melhor das hipóteses, pretendemos compreender que a educação e a sociedade são falhas por não educarem para a maioria ou a autonomia, mas sim para a reprodutibilidade prática de pensamentos de outrem sem apreender o que é necessário para a compreensão de que o racismo não cabe mais e nunca deveria ser legitimado na estrutura social. Da forma que os negros são representados nos livros didáticos, há um reforço no estereótipo dos negros, que é um dos indicativos do fomento à discriminação racial.

E quando educamos as crianças para que elas sirvam o seu próprio entendimento e para que elas tenham conhecimento sobre as questões étnicas e “raciais” e do racismo, ajudamos elas a não reproduzirem tais atos, fazendo com que a barbárie, citada por Theodor Adorno (2020a), não se repita.

A partir desse percurso, concluímos que o racismo pode ser considerado estrutura para além das estruturas físicas e objetivas, pois a forma como as

questões/tenções étnicas e “raciais” são trabalhadas nos livros didáticos faz com que o racismo passe a afigurar na estrutura psíquica das crianças desde o início da sua formação escolar.

## 2 DIMENSÕES CONCEITUAIS PARA PENSAR OBJETO EM TELA

Nesta sessão, dissertamos sobre os conceitos de “raça”, racismo e identidades conforme Kabengele Munanga (2004, 2006), Franz Fanon (2008), Stuart Hall (2006), Christian Mwewa, (2006, 2022), entre outros em articulação com os conceitos de minoridade e maioria de Immanuel Kant ([1784]), que, de certa forma, alicerçaram o conceito adorniano de “emancipação” com os quais iremos operar (Adorno, 2020a).

Para começarmos a discussão, se faz necessário pontuar novos conceitos que nos ajudaram no decorrer da pesquisa a entender o que é o tão abordado racismo e a compreensão de “raça”.

Segundo Munanga (2004), raça é um modo de classificação da diversidade humana, um jeito de facilitar a busca e compreensão das coisas, já que desde sempre os seres humanos recorrem a este para separação das coisas. Nesse caso, continua o autor:

[...] o critério atribuído seria a quantidade de melanina que cada um possui em seu corpo, depois eles acrescentam vários outros tipos de critérios para dividir a humanidade em ‘raças’. Apesar de essa não existir biologicamente e cientificamente falando, as pessoas preferem acreditar que exista, nada mais é que um conceito ideológico criado (Munanga, 2004).

Além de “raça”, temos outros conceitos que são o de racismo e etnia. Professor Munanga (2004), ainda em seu texto, explica que o racismo seria uma crença na qual as “raças” são naturalmente hierarquizadas. No caso, o racista crê que o grupo ao qual não pertence e se difere nos aspectos físicos – culturais, religiosos, coloração da pele, entre outros – são tratados como inferiores. Para eles, a cultura que não se encaixa nos padrões da sua não merece o reconhecimento, sendo assim elas são inferiores à sua, que é vista como superior. Em 1970 passou a ser classificada como racismo qualquer atitude de rejeição e injustiça social não apenas com negros, mas também com classes sociais (mulheres, homossexual, pobres etc.). Quando se pensa em racismo, a ideia que vem à mente é a de violência física e verbal, mas existem outras maneiras, como o caso do racismo estrutural que atinge também a estrutura

psíquica do sujeito, assim como indicou Mbembe (2014) quando fez uma análise do continente africano como um lugar que manifesta uma estrutura psicótica “[...] por uma infra-estrutura discursiva, uma economia simbólica, todo um aparato de saberes cuja a violência era tão epistêmica quanto física. A análise cultural da infra-estrutura discursiva ou simplesmente da imaginação colonial [...]” (Mbembe, 2014, p. 64). Ainda, diz que:

[...] Além disso, se a outra forma assumida pela «guerra das raças» consistiu na ascensão do racismo a instituição, lei e cultura, em contrapartida, a violência do racismo suscitou a emergência de um dos movimentos de resistência mais antigos do continente, o ANC (African National Congress), a formação de uma classe política e de actividades sofisticada, a criação de uma miríade de organizações populares e democráticas, a emergência de uma verdadeira sociedade civil e o aparecimento de infra-estruturas que permitem o desenvolvimento da vida intelectual e artística (museus, universidades, centros de reflexão, imprensa). (Mbembe, 2014, p. 190).

O racismo estrutural afeta então a estrutura psíquica do pensamento do sujeito, isso significa que é preciso trabalhar desde o pensamento do sujeito para que, assim, possamos desestruturar o racismo que venha a se manifestar nas instituições extrapsíquicas.

Já o conceito de etnia foi pontuado por Kabengele Munanga como a “raça” de antigamente, só que nos termos do “politicamente correto” dos dias atuais:

[...] o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais do conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. (Munanga, 2004, p. 12).

Como sabemos, algumas nomenclaturas de xingamentos que racistas usam para discriminar essa parcela da população muda para se enquadrar no politicamente correto, mas a intenção permanece. Anos se passam, mas esse tipo de crime ainda sim continua enraizado na sociedade de geração em geração. Foi nesse contexto que surgiu o questionamento de que, apesar de estarmos no século XXI, a população brasileira não mudou seu pensamento. Como ajudar as crianças na formação de uma identidade não racista?

## 1.1 FERRAMENTAS PARA PENSAR UMA FORMAÇÃO NÃO RACISTA: MAIORIDADE E AUTONOMIA

Para tentar responder à pergunta anterior, nos apoiamos nos conceitos kantianos de menoridade e maioridade presentes no texto resposta à pergunta: *O que é iluminismo?*, de 1784. Esses conceitos foram cotejados com o conceito adorniano presente no texto *Educação e emancipação*, de 2020. É possível que um professor e adultos de seus ciclos de convivência estejam em sua menoridade intelectual, esta que nos serviu como um dos conceitos-base para dialogar entre a questão de identidade e diversidade, segundo Kant ([1784], p. 1):

A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria, se a sua causa não residir na carência de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo, sem a guia de outrem [...] A preguiça e a cobardia são as causas de os homens em tão grande parte, após a natureza os ter há muito libertado do controlo alheio (*naturaliter maiorennnes*), [482] continuarem, todavia, de bom grado menores durante toda a vida; e também de a outros se tornar tão fácil assumir-se como seus tutores. É tão cómodo ser menor. [...] Não me é forçoso pensar, quando posso simplesmente pagar; outros empreenderão por mim essa tarefa aborrecida.

Podemos dizer que isso acabou afetando a formação da identidade na infância, pois se não temos uma pessoa com opiniões próprias, como formaremos crianças autônomas intelectualmente para construir uma sociedade mais respeitosa, menos preconceituosa e discriminatória? Esse foi o ponto da pesquisa a ser desenvolvida: como é trabalhada a diversidade para que não haja danos em sua autonomia intelectual e ajudando a romper com o ciclo que a sociedade se encontra?

Sabemos que atos racistas são cometidos e são tratados com normalidade, mas no século no qual nos encontramos isso deve parar. Não devemos e não podemos mais aceitar preconceito patentes da falta de conhecimento ou do mau uso deste por parte de quem discrimina. Em vez de buscar informações para compor seus próprios conceitos, o indivíduo age segundo a opinião da parcela dominante da sociedade, ou seja, aquela que tem o racismo como algo natural e que sempre foi assim, então não vê como necessária a mudança.

Mas para Kant ([1784]), a menoridade é culpa da própria pessoa, ela não possui o desejo de fazer o movimento de sair para a maioridade pelo fato de achar mais confortável manter a maneira que está, preferindo ficar à mercê dos desejos e opiniões alheias, vivendo da forma que é possível.

A passagem ou a saída dessa fase de menoridade é chamada pelo autor de maioridade. É uma passagem que ele caracteriza como difícil e dolorosa, perigosa também para a parte dominante, pode se caracterizar como uma ameaça para sua hierarquia. O homem na sua maioridade é visto como aquele que alcançou sua autonomia intelectual, ele pensa por si próprio, não necessita que os outros façam isso por ele, possuindo uma opinião própria de acordo com os seus princípios e ideais. Este é um homem que Immanuel Kant considera esclarecido.

A falta de autonomia afeta a sociedade em direção a um avanço que seja condizente com o século XXI, não repetindo as barbáries cometidas outrora. Coloca-se uma necessidade formativa para que o indivíduo possa agir por si mesmo sem depender de outro na não continuidade de práticas nefastas. Indivíduos formados culturalmente podem ser a diferença para a mudança de atitudes subalternizantes em diferentes contextos formativos.

Essas definições e hipóteses nos ajudam a ter a noção de que o nosso país ainda é racista, preconceituoso e discriminador com a maior parte de sua população, por mais que estejamos no século XXI e os indivíduos que nele habitam neguem o óbvio. Por que ainda existem esses tipos de atitudes? As pessoas não evoluíram? Essas são questões que podemos responder de diferentes formas, e uma delas foi apresentada anteriormente com alguns conceitos abordados no decorrer do texto sobre a visão de Kant na perpetuação da menoridade intelectual na sociedade.

Levamos em conta o pensamento kantiano de maioridade e menoridade sobre a perpetuação de atos como esses na sociedade atual e levar a reflexão de porque ainda não se alcançou a autonomia em assuntos desse nível, ele foi e será usado de base teórica para traçar essa trajetória e entender como esses preceitos foram enraizados profundamente na sociedade. O homem não quer atingir a sua maioridade, fazer o movimento de pensar criticamente sobre o racismo, preferindo, como dito anteriormente,

aceitar o modelo de sociedade preconceituosa e hierárquica ao invés de refletir sobre suas ações e formar um pensamento sobre isso.

A essência primordial desta dissertação foi tentar explicar o racismo velado na sociedade, pela falta de um pensamento crítico, que é refletido sobre a trajetória histórica e cultural do nosso país. E como esta situação pode ser mudada com a construção da autonomia intelectual da criança e adolescentes, para que eles não reproduzam pensamentos retrógrados dos adultos em seu entorno. Existem vários pontos negativos da perpetuação do racismo na sociedade<sup>1</sup>.

## 1.2 IDENTIDADE(S), “RAÇA” E EDUCAÇÃO

Quando falamos em “raças”, muito provavelmente a grande maioria da população pensa em tonalidades da pele de cada indivíduo, sendo assim imaginam que existam essas melhores e piores, baseando-se apenas em padrões de europeus para a formação desse achismo. Eles, reconhecidos como brancos, que determinavam o que a pessoa era ou deixava de ser. Eles determinavam que os negros deveriam ser escravos e como eles seriam reconhecidos pela sua força braçal, por sua virilidade e também, segundo eles, por serem sem cultura e sem conhecimento, sempre associando os negros a termos e ofensas pejorativas.

Quando é feito esse movimento de tentar caracterizar os povos negros e distingui-los dos demais, seria um movimento de criar uma identificação para eles, uma identidade, que, segundo o dicionário Miniaurélio (Identidade, 2008) é: “1 qualidade de idêntico. 2. Os caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc”. E essa foi difundida no mundo todo.

Então ao pensarmos em identidade, devemos buscar em Stuart Hall (2006) três concepções de identidades: sujeito iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O primeiro, segundo o autor, é o sujeito dotado da capacidade das razões, o ser humano deixa de ser o centro do universo e passa a ser um sujeito mais científico e mais racional. O segundo é um sujeito que

---

<sup>1</sup> Para aprofundar o conceito de emancipação que desemboca na autonomia, ver o texto de Adorno (2020) *Educação e emancipação*.

depende do outro para existir, não é independente, por isso que ele depende da relação que estabelece com o outro. O mundo o molda e ele molda o mundo, a interação dele com o mundo o constrói como sujeito e constrói sua identidade. Apesar de possuir um “eu real”, ele pode ser desconstruído em apenas uma conversa com o outro.

De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. (Hall, 2006, p. 11).

Assim como nós projetamos para o mundo, nós absorvemos algo dele, como se fosse uma espécie de esponja. E acabamos nos moldando à sociedade nesse processo. A identidade então passa a costurar o sujeito à estrutura, tornando os sujeitos então mais unificados e previsíveis.

Por fim, o terceiro é um sujeito que não possui identidade fixa, o indivíduo pode ter várias identidades ao mesmo tempo, ele não é apenas um dado aspecto, por exemplo, eu, Fernanda, ao mesmo tempo que sou filha, sou professora, estudante, neta, amiga, conselheira e tenho várias outras características. Essa multiplicidade de identidades pode ser, segundo Hall (2006), o que geraria a então crise de identidade.

Ou seja, essa fluidez na identidade nos mostra que não somos uma pessoa do começo ao fim da vida. Nós mudamos, assim como a realidade muda. Nós nos adequamos e simpatizamos com aquilo que achamos que “casa” com os nossos princípios, e isso pode mudar a qualquer hora, pois somos seres inacabados, só seremos seres acabados com a nossa morte.

De acordo com Hall (2006), essa passagem tardia do homem da modernidade para a pós-modernidade pode ser também um dos fatores da então crise. Essa passagem se deu por cinco motivos: o Marxismo; a descoberta do inconsciente por Freud – que defende a identidade com algo móvel; o fato de que não somos autores das afirmações que fazemos diariamente segundo Ferdinand; o estudo e o trabalho do poder disciplinar por Foucault; e para finalizar o surgimento do feminismo.

Ela está constantemente sendo "descentrada" ou deslocada por forças fora de si mesma. As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" - isto é, identidades -para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unifica-las, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. (Hall, 2006, p. 17).

Criam-se então posições que cada identidade possui, compondo a diferenciação da superioridade de cada identidade. As identidades diferentes das europeias são menos favorecidas, são tratadas como inferiores. E elas mudam de acordo com a interpretação do outro.

O poder disciplinador é o governo que controla tudo, as pessoas devem ser disciplinadas para serem indivíduos de fácil "domação". Escolas regram tudo o que o aluno faz e fala, tudo tem regras, e eles aprendem o que o governo quer que eles aprendam.

O sujeito pós-moderno diverge do sujeito moderno sociológico, afinal é um sujeito que é líquido, fragmentado e talvez instável. Apesar de composto por várias identidades, apenas exterioriza uma, por isso há uma necessidade de construir uma consciência de si. O feminismo ajuda nessa parte, pois dá abertura a críticas e reflexões em torno das identidades de gênero, sexuais e sociais, questionando a posição da mulher na sociedade (Hall, 2006).

Então identidade, segundo Stuart Hall (2006), é aquilo que vai se formando involuntariamente, somos como uma esponja e absorvemos o mundo, mas sempre filtrando o que serve ou não para nossas pessoas. Absorvemos o outro, nos aspectos que achamos interessantes. Sendo assim, quando nos identificamos com o outro significa que os pensamentos de ambas as partes se parecem.

Inspirados em Hall (2006), podemos dizer que as culturas nacionais em que nascemos mostram uma identidade do povo, uma identidade cultural. Não é definido pelo governo, é definido por como somos vistos fora do nosso país, ser brasileira é então ter sempre um "jeitinho" para tudo, ser um povo muito acolhedor, saber sambar, entre outros. São costumes culturais que se tornaram famosos e em tese determinam a nossa identidade nacional, mas com a fragmentação das identidades pode ser que isso acabe se perdendo.

Portanto, podemos dizer que a globalização tem efeito nas identidades tanto nacionais quanto individuais. Foi uma nova maneira de organizar o espaço-tempo, nós podemos consumir não apenas nossa cultura local, mas também a cultura de outros lugares. Ela fez com que diferentes identidades interajam entre si e acabem, por consequência, criando uma nova identidade que unifica as duas anteriores em uma só.

As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades - híbridas - estão tomando seu lugar. Que impacto tem a última fase da globalização sobre as identidades nacionais? Uma de suas características principais é a "compressão espaço-tempo", a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto: imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância. [...]. O que é importante para nosso argumento quanto ao impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. (Hall, 2006, p. 69-70).

A partir dessa homogeneização, a direção do fluxo é muito desequilibrada e continua a existir de maneira desigual nas relações de poder entre o mundo ocidental e o restante dele. As sociedades de periferia são suscetíveis à influência dos ocidentais, que passam uma ideia de etnia pura, mas que na realidade não existe. Não existe mais "raça" pura, mas eles passam essas imagens para o restante. Segundo Hall (2006, p. 83), "Esta formação de 'enclaves' étnicos minoritários no interior dos estados-nação do Ocidente levou a uma 'pluralização' de culturas nacionais e de identidades nacionais". E essa acarreta a formação de nova identidades, novas maneiras de se identificar, que são vistas como a mesma coisa pela cultura dominante.

Assim, estão surgindo identidades que são fluidas, que não são fixas, mas estão em transição e se tornam cada vez mais comuns no mundo globalizado. Na era que se encontram hoje, suas raízes estão desaparecendo por meio da homogeneização.

O homem então deve passar a ter a identidade que deseja, assumindo várias ao mesmo tempo. Hall (2006) afirma que o melhor termo seria identificação

em vez de identidade, pois é como eu cada um se identifica ao exteriorizar o que pensa e como faz isso que pode então ser chamado de identificação.

Apesar disso, ainda há questões inatas que fazem parte das identidades, mas essas questões só podem fazer parte mesmo se nós escolhermos elas ou não, por exemplo: mulher tem que casar, ser mãe, dona de casa... sendo assim, pode escolher o que quer assumir, se quer ou não casar, se quer cuidar da casa e ter filhos, isso não torna a pessoa menos mulher por essas dadas escolhas, pelo contrário, continua ainda sendo mulher, pois é dessa forma que se identifica.

A identidade, segundo Hall (2006), apenas é questionada quando entra em crise, nunca será questionada se estiver estável sem nenhuma incerteza, sendo uma maneira de formar novas identidades. Um exemplo disso é a família tradicional brasileira, composta por pai, mãe (heterossexuais), filhos e avós, até então nunca questionada, mas a partir do momento em que surge novas configurações de família, ela passa então a ser questionada, se é certo ou errado acreditar nessa configuração dos primórdios.

Então ao criar essa identidade para o negro, constrói-se uma imagem pejorativa do que é ser negro, e mais precisamente do que é ser negro no Brasil. E também colocam todos como iguais, como se todos fossem idênticos e não houvesse nenhuma diferença entre eles, passando a ter então os mesmos gostos e os mesmos jeitos de pensar. Se pensarmos na teoria de Hall, cada negro tem dentro de si diversas identidades, diversas formas de identificação, mas os brancos os entendem apenas a partir da cor da pele exteriorizada biologicamente. Ao negarmos esse fato, de serem identificados pela cor da pele, fingindo que nada aconteceu, apenas fortalecemos o potencial autoritário que leva as massas brancas a cometerem atos de violência racial novamente<sup>2</sup>.

A questão da “raça” negra quando identificada pode ser resolvida em diferentes dimensões. Busca-se uma igualdade que pretende, como princípio, a democracia racial. Mas devemos tomar cuidado ao pensar em igualdade, ela não nivela as características físicas e naturais, mas sim os direitos e os deveres de cidadãos, o direito à liberdade e à maioria, em uma palavra, emancipação.

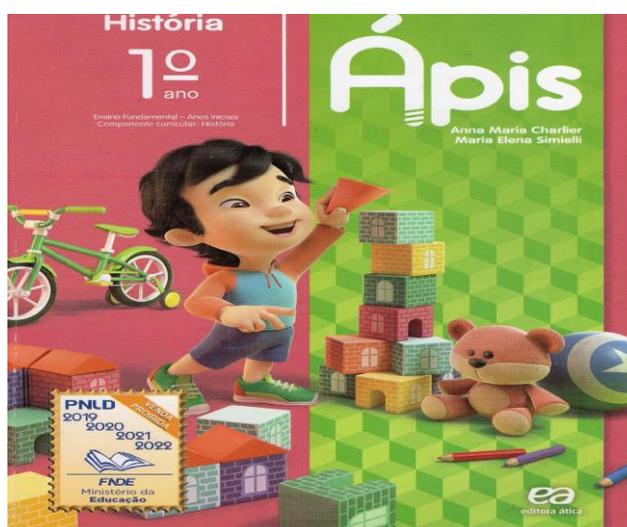
---

<sup>2</sup> Exemplo do que está acontecendo em 2023 contra o jogador do Real Madrid Vinícius Junior, nos estádios da Europa.

### 3 DIMENSÕES CONTEXTUAIS DOS CONTEÚDOS DOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Nesta primeira seção da pesquisa, tratamos da análise dos livros didáticos que foram distribuídos nas escolas públicas do município de Andradina, estado de São Paulo, no ano de 2020. A diretora de uma das escolas municipais concedeu cinco livros do ensino fundamental, das séries do 1º ano ao 5º ano para a concretização de nossa pesquisa.

Figura 1 – Capa do caderno de história do 1º ano



Fonte: Acervo da Autora.

O livro do primeiro ano que pudemos observar traz conteúdos voltados mais ao círculo social da criança, ao autoconhecimento, buscando ajudar a criança a explorar e conhecer a história de sua família. Até agora não temos nada sobre a história do Brasil ou história dos negros, o que encontramos foram apenas figuras de crianças negras e fotos.

Figura 2 – Foto do poema sobre diversidade

**CAPÍTULO 3 A BOA CONVIVÊNCIA**

PARA TER AMIGOS E CONVIVER BEM COM NOSSA FAMÍLIA E COM OS COLEGAS DA ESCOLA, PRECISAMOS ACEITAR E RESPEITAR AS PESSOAS COMO ELAS SÃO.  
LEIA O POEMA COM O PROFESSOR E TROQUE IDEIAS COM SEUS COLEGAS.

**DIVERSIDADE**  
UM É MAGRELO  
OUTRO É GORDINHO  
UM É CASTANHO  
OUTRO É RUVINHO

[...]  
DE PELE CLARA  
DE PELE ESCURA  
UM, FALA BRANDA  
O OUTRO, DURA

OLHO REDONDO  
OLHO PUXADO [...] BEM DIFERENTE [...] TODOS SÃO GENTE.

TATIANA BELINKY.  
DIVERSIDADE. SÃO PAULO.  
QUINTETO EDITORIAL, 1999.  
P. 6, 22, 24, 32.

**RUVINO:**  
QUE TEM CABELO AVERMELHADO.

**PARA INICIAR**

- 1) QUAIS SÃO AS DIFERENÇAS ENTRE AS PESSOAS DO POEMA?
- 2) VOCÊ RESPEITA OS SEUS COLEGAS DE ESCOLA?

44 UNIDADE 1



Fonte: Acervo da Autora.

Na página 44 deste material, há um poema cujo tema é diversidade, a autora Tatiana Belinky (1999) trabalha a diversidade dos corpos humanos e cores. Um poema que pode ocasionar uma boa discussão em sala de aula com os pequenos, escutando o que eles têm a dizer entre eles, conforme é proposto no livro didático.

Na página seguinte, cremos que as palavras que foram escolhidas na atividade, ao nosso ver, como tolerância, não exprimem uma ideia de respeito, mas sim podem passar a impressão de obrigação à criança, de ser obrigada a gostar do outro.

Figura 3 – Atividade sobre diversidade

**▶ NORMAL É SER DIFERENTE**

COMO TODAS AS PESSOAS, AS CRIANÇAS SÃO DIFERENTES ENTRE SI E DEVEM SER RESPEITADAS. O RESPEITO FAZ PARTE DA BOA CONVIVÊNCIA.

1 ENCONTRE E CIRCULE NO DIAGRAMA AS PALAVRAS DESTACADAS ABAIXO.

RESPEITO	A	F	B	T	R	A	J	U	D	A	D	W	H	K
AJUDA	T	T	O	L	E	R	A	N	C	I	A	O	J	C
AMIZADE	K	M	H	F	G	S	V	A	M	I	Z	A	D	E
AMIZADE	B	U	O	C	L	K	I	C	A	M	R	J	M	D
TOLERÂNCIA	C	N	B	R	E	S	P	E	I	T	O	X	Q	A
	C	B	O	P	V	R	F	D	J	U	Q	T	R	I
	S	T	Y	I	H	B	Z	A	T	C	V	M	P	B

2 APROVEITE AS LETRAS DA PALAVRA IGUAIS PARA ESCREVER OUTRAS PALAVRAS QUE MOSTREM RESPEITO AOS OUTROS. SIGA O EXEMPLO.

AJUDA	RESPEITO	AMOR	IGUALDADE	ACEITAÇÃO					
P	A	C	I	É	N	C	I	A	
	I	G	U	A	L	D	A	D	E
A	J	U	D	A					
		A	M	O	R				
A	C	E	I	T	A	C	Á	O	
	R	E	S	P	E	I	T	O	

▶ CAPÍTULO 3 45

Fonte: Acervo da Autora

Já a escolha das palavras respeito, amor e igualdade passa uma ideia de que respeitar as diferenças e a diversidade é um ato de amor. Acima de tudo, tratar todos com igualdade – independentemente de “raças”, gênero ou fisionomia, seja magro ou gordo, baixo ou alto – é possibilitar que todos sejam tratados com respeito e amor igualmente.

Tolerância, segundo o Dicio<sup>3</sup> (Tolerância, 2020) é a “Ação de tolerar, de suportar algo de maneira resignada, sem reclamar; clemência. Disposição para admitir modos de pensar, de agir e de sentir de outras pessoas, ainda que sejam diferentes dos nossos; complacência”. Esse termo passa uma ideia de que devemos suportar os outros, e trazendo para a problemática desta pesquisa, que deveríamos suportar os negros e não que deveríamos respeitá-los pelo que são suas respectivas histórias, mas apenas suportá-los.

Continuando a análise do livro, citamos um excerto de poema de Rossana Ramos (2004), nele a autora escreve que: “[...] ninguém é diferente, cada um tem o seu jeito... Que bom se todo mundo pudesse entender direito que tudo fica mais fácil sem o tal do preconceito [...]”. Esse excerto do poema é interessante para ser trabalhado em sala de aula com as crianças, ajudando-as a entenderem que não devemos ter

<sup>3</sup> Dicionário Online de Português.

preconceito para com os outros, devemos ensiná-las a respeitar e não a reproduzir atos preconceituosos com pessoas que a sociedade julga serem fora do padrão.

Após o poema, temos algumas questões, uma delas solicita ao estudante que desenhe uma situação em que não exista preconceito; cremos que, na visão da criança, ela ainda não enxerga que há muito preconceito nas relações sociais.

Seguimos nossa análise desse primeiro livro, que continua abordando sobre respeitar as diferenças, que coloca estas apenas nos gostos, tratando sobre o que os alunos gostam ou não de fazer, não a diferença relacionada aos fenótipos, que estava sendo abordada no começo do capítulo do livro de história, deixando o tema de lado para não se comprometer. Nas páginas anteriores, se trabalham apenas as diferenças de gostos, comida, brinquedo, o que entendemos como assuntos importantes para trabalhar o respeito pelos gostos das outras pessoas. Porém, no começo do capítulo se trata de diversidade de fenótipos e de diversidade de origem, histórias e cultura, mas o rumo muda para o conceito de “diversidade”, o qual foi inicialmente trabalhado no texto.

A próxima subdivisão é sobre hábitos e regras de convívio, abordando que pessoas têm hábitos diferentes e que elas podem mudar com o decorrer do tempo. Traz um exemplo relacionado aos povos indígenas, distinguindo da rotina da criança urbana. A atividade proposta é ajudar a menina indígena a chegar até o pai para ajudá-lo a pescar. Além disso, pergunta sobre qual atividade a criança faz quando vai para a escola e quando ela não vai para a escola. Trabalha a rotina da família em que se encontra inserida, solicitando que o aluno compartilhe a rotina dos adultos da casa e escreva a sua própria rotina.

Após uma série de atividades que abordam rotina e hábitos, o livro entra nas regras de convivência, algumas exemplificadas para que se possa ter um convívio bom com os colegas e a família, como não ser egoísta, jogar lixo no lixo, dormir no horário certo, típicas regras que as professoras elaboram para tentar manter a ordem e o bom comportamento das crianças. Depois de as autoras mostrarem as regras, trazem algumas brincadeiras e jogos que as crianças realizam no dia a dia. Elas buscam brincadeiras antigas ou lugares que antes eram comuns para os pequenos brincarem e que atualmente não são mais. Um belo exemplo é brincar na rua da sua residência, antigamente era comum as crianças

fazerem isso, mas hoje, com o aumento de números de veículos circulando nas ruas e com a chegada da tecnologia dos smartphones, é difícil nos depararmos com cenas assim, que acabam se tornando menos frequentes.

Mostram também que as brincadeiras que as crianças indígenas gostam são diferentes das que as crianças “urbanas” gostam, afinal são culturas diferentes. Consideramos importante mostrar que existem brincadeiras que elas não conhecem e que às vezes são comuns em outros tipos de cultura, elas aprendem sobre a pluralidade de culturas por meio das brincadeiras, acabam conhecendo uma parte do mundo devido a elas.

O Ápis, apresentou algumas obras que retrataram como eram os brinquedos de antes e como são os brinquedos de agora, além de citar um jogo chamado Mancala, um dos mais antigos e que tem sua origem no continente africanos, ainda sendo jogado em alguns países desse continente.

Figura 4 – Crianças jogando Mancala

MUITOS JOGOS E BRINQUEDOS SÃO SIMPLES E BARATOS E PODEM SER FEITOS PELAS PRÓPRIAS CRIANÇAS.

UM EXEMPLO É O JOGO MANCALA, UM DOS MAIS ANTIGOS DO MUNDO. ELE SE ORIGINOU PROVAVELMENTE NO ANTIGO EGITO. COM O TEMPO, ESPALHOU-SE PELO CONTINENTE AFRICANO E, AINDA HOJE, É JOGADO EM PAÍSES COMO NIGÉRIA, SUDÃO, SENEGAL, GANA E QUÊNIA.

OS TABULEIROS DO JOGO MANCALA PODEM SER FEITOS DE DIFERENTES MATERIAIS: MADEIRA, PLÁSTICO, PAPELÃO E ATÉ OURO. PODEM TAMBÉM SER ESCAVADOS NA AREIA. AS PEÇAS USADAS SÃO, EM GERAL, SEMENTES. O MOVIMENTO DAS PEÇAS NO JOGO MANCALA REPRESENTA A SEMEADURA.

SEMEADURA: ATIVIDADE DE PLANTAR, COLOCANDO A SEMENTE NA TERRA PARA QUE ELA GERMINAR.



CRANÇAS BRINCANDO DE MANCALA NO ZIMBABUÉ, 2014.

#### PESQUISE

PERGUNTE AO SEU AVÔ, À SUA AVÓ OU A OUTRA PESSOA IDOSA QUAIS ERAM AS BRINCADEIRAS OU OS BRINQUEDOS MAIS POPULARES QUANDO ELAS ERAM CRIANÇAS. ANOTE QUATRO NOMES EM UMA FOLHA SEPARADA E APRESENTE AO PROFESSOR.

Fonte: Acervo da Autora

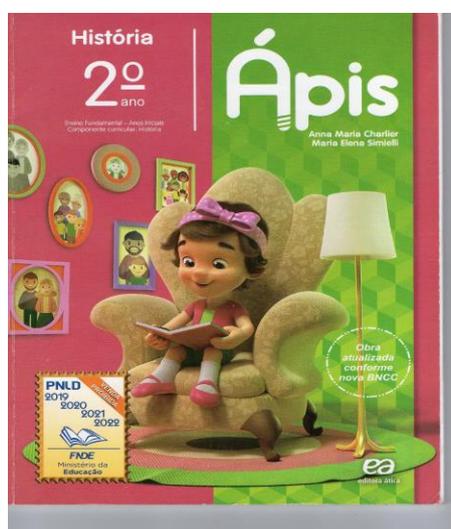
É interessante ver que as autoras trouxeram um jogo que tem suas origens no continente africano e não no europeu, reforçando que eles produzem culturas e costumes que são muitas vezes mais antigos que os de outros lugares,

mas não são conhecidos pelo fato de não estudarmos e conhecermos a cultura e os costumes desse continente.

Mas devemos lembrar que nem toda criança brinca como o livro didático aponta, algumas têm que trabalhar para ajudar os pais no sustento da casa ou no sustento da família, que às vezes não possui casa. Por fim, expõe um excerto da convenção sobre os direitos da criança, no qual ela tem direito ao amor e à compreensão, à proteção contra a crueldade e o descuido, e à escola, à brincadeira e ao descanso. Temos que concordar, muitas crianças não têm seus direitos cumpridos, mas cabe à escola lhes proporcionar um conhecimento e uma vivência boa durante a sua estadia. Desse modo, terminamos a análise do primeiro livro do Ápis do ensino fundamental.

Partimos para o segundo livro da coletânea do ensino fundamental ciclo I. Este tem quatro unidades temáticas que possuem algumas subdivisões, dando continuidade ao tema do primeiro livro: Viver com outras pessoas; Vamos medir o tempo?; O tempo não para; e as Comunidade e o trabalho.

Figura 5 – Capa do caderno de história do 2º ano



Fonte: Acervo da Autora.

Como dito, o livro tem uma ligação com o conteúdo anterior, abordando a criança como um sujeito, de onde é sua origem, qual o nome dos seus parentes próximos, depois mostra a árvore genealógica da personagem e solicita ao aluno

que faça a da sua família, trabalhando a ascendência das crianças, o que mostra que somos um povo miscigenado.

Nesse capítulo do material, ele apresentou para os estudantes alguns tipos de documentos que temos e com qual idade podemos adquiri-los. Essa parte se faz importante para que a criança tenha conhecimento da importância desses documentos e de qual a sua finalidade.

Na primeira unidade temática, foi trabalhada também a linha do tempo, abrangendo os conceitos de passado, presente e futuro, trazendo um texto de Ruth Rocha, que mostrou um pouco da passagem do tempo para a criança; após a leitura do texto, foram feitas perguntas sobre ele.

A autora trabalhou com a questão do que pode acontecer no futuro, o que eles querem fazer ou ser quando crescer, para completar ela trabalhou um poema sobre astronautas.

Figura 6 – Fotos sobre o passado



Fonte: Acervo da Autora

Figura 7 – Atividade sobre o passado e o futuro

1 OBSERVE AS ILUSTRAÇÕES DESTA PÁGINA E RESPONDA:

A) QUE MUDANÇAS VOCÊ PERCEBE NA VIDA DA FAMÍLIA?  
As ilustrações representam diversos momentos da vida, como o crescimento, a

B) COMO PODEMOS PERCEBER QUE O TEMPO PASSOU? iniciantismo, o nascimento dos filhos e o envelhecimento.  
Resposta pessoal.

2 IMAGINE QUE A MENINA DA ILUSTRAÇÃO GOSTARIA DE SABER MAIS SOBRE O PASSADO DOS SEUS PAIS E DE SEUS AVÓS. QUE OBJETOS ELA PODERIA BUSCAR PARA CONHECER MELHOR O PASSADO DELES? Documentos pessoais das pessoas da família, fotos antigas, histórias orais contadas pelos membros da família ou por outras pessoas conhecidas da família, objetos antigos guardados pelos parentes.

3 EM UMA FOLHA À PARTE, CRIE UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS CONTANDO SUAS MEMÓRIAS SOBRE MUDANÇAS QUE OCORRERAM NA SUA VIDA. MOSTRE COM QUAIS PESSOAS VOCÊ CONVIVIA E PASSOU A CONVIVER, QUAIS MUDANÇAS ACONTECERAM NO SEU COTIDIANO, ENTRE OUTRAS LEMBRANÇAS. O TEXTO DEVE APARECER EM BALÕES, ESCRITO EM LETRA DE FORMA.



capítulo 1 21

Fonte: Acervo da autora

Na página seguinte vem a parte denominada tecendo saberes, que seria uma conclusão do capítulo, que une os temas do passado e a família, mostra para a criança que a família da qual ela faz parte possui uma história até chegar no aluno. Consideramos interessante trabalhar com o passado para que elas entendam como chegaram até aqui e quais mudanças ocorreram.

Estudar o passado para compreender o presente é uma das alternativas que sugiro para pessoas que são racistas e preconceituosas, mas a histórias dos povos negros tem que ser mostrada e ensinada pelos professores e livros didáticos. Dessa forma, os estudantes podem entender que os negros e indígenas não são “raças” que supostamente são inferiores que as demais, eles poderiam vir a compreender que são culturas igualmente importantes e que o Brasil é um país com uma diversidade de etnias muito grande.

Em seguida, o livro trouxe exercícios sobre a linha do tempo e uma tirinha da Turma da Mônica para marcar o que aconteceu antes e depois que a personagem do Cebolinha encontrou o Cascão. Exercício fácil para que o estudante entenda o conceito de antes e depois, ontem, hoje e amanhã, porém foram trabalhadas apenas essas duas páginas.

Começamos o capítulo 2 do livro em análise com o tema: Cada criança com sua história. Esperamos que nele possamos achar o que procuramos na pesquisa, textos sobre crianças negras e sua cultura, sobre a diversidade dos povos brasileiros. Para a introdução do capítulo, as autoras colocaram novamente o poema tratando da diversidade da Tatiana Belinky, que é uma escolha razoável para se trabalhar o tema, uma vez que mostra que existem pessoas diferentes de nós e que todos somos humanos, que nossas diferenças não são defeitos ou qualidades, elas nos tornam quem somos.

Figura 8 – Foto do poema sobre diversidade 2



Fonte: Acervo da Autora.

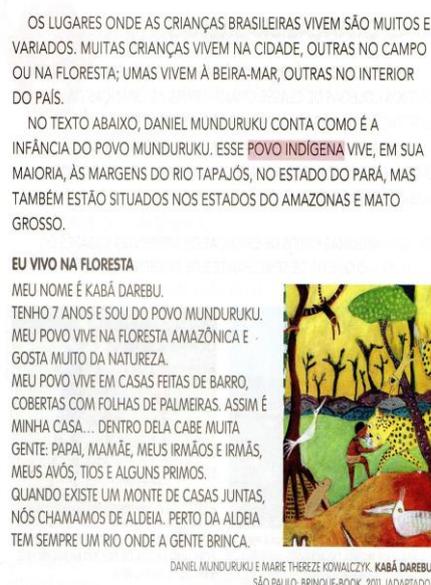
Depois do poema, veio um exercício perguntando se elas pensaram também que há crianças diferentes e por quê, uma pergunta que achamos desnecessária, já que no texto e na vida as crianças sabem que são diferentes do colega. Essa diferenciação ocorre na fase em que a criança começa a entender que eu e outro não são a mesma coisa:

Essa etapa subjetiva mente objetiva, em que a atividade cognitiva é a própria constituição do “eu”, é seguida pela transposição da delimitação pessoal para o plano da inteligência, que vai favorecer a construção de categorias mentais que permitirão definir e explicar a realidade. A aquisição da capacidade conceitual, posteriormente, já na adolescência, vai ajudar a elaborar um novo patamar do “eu”, que talvez possa ser denominado de “eu” cognitivo, capaz de

assumir diferentes funções e ocupar diferentes posições nos variados grupos que frequenta. O outro, aí, será alguém - pessoa ou grupo - que se posiciona de maneira diferente. A diferenciação do “eu” e do “não eu” vai supor uma diferenciação de pontos de vista. (Nascimento, 2004)

Na página seguinte, trouxe imagens de diferentes lugares do Brasil que mostraram crianças brincando de diferentes formas e brincadeiras que são comuns nas determinadas regiões que habitam. O livro pede para que o aluno diga o que há de diferente e o que há de semelhante nas imagens. O mesmo foi feito no livro anterior, fugindo de se envolver em assuntos polêmicos que possam causar indignação e alvoroço na “família tradicional” brasileira.

Figura 9 – Foto do texto sobre a infância indígena



Fonte: Acervo da Autora.

Mas ao mesmo tempo, abordando a diversidade de culturas que temos no Brasil, mostra com um texto como é a infância da criança indígena, em seguida tem perguntas sobre onde eles moram e como é a casa da criança que responde. Não explora o texto, fica ao nosso ver apenas como uma informação banal que não tem relevância.

Outro exercício pede para fazer uma comparação entre a vida das crianças que vivem na cidade e a vida das crianças indígenas, pergunta quais brincadeiras elas gostam de brincar. Vimos quão importante foi trabalhar as

culturas diferentes, mas que quando foi colocado o tema, este não foi desenvolvido, o livro muda de sentido, focando no que o aluno gosta de brincar, alguma brincadeira que foi retratada nas fotografias. Essas perguntas foram importantes, mas para o segundo ano poderiam ser um pouco mais aprofundadas, trabalhando mais com essa parte de diversidade de cultura.

Em seguida tivemos uma tirinha da Turma da Mônica, apesar das diferenças de gostos e das maneiras de viver, o que os povos tiveram em comum é o seu amor pela natureza. O amor pela natureza e a preservação dela não é nítido atualmente. Segundo matéria do portal G1:

A **Amazônia Legal** perdeu **10.476 km<sup>2</sup>** de floresta entre agosto de 2020 e julho de 2021, meses em que se mede a temporada do desmatamento. A taxa é 57% maior que a da temporada passada, além de ser **a pior dos últimos dez anos**, aponta o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (**Imazon**). (Modelli, 2021).

Mas compreendemos a necessidade de desenvolver esse “amor” pela natureza nas crianças, é um ponto que queremos chegar. Se podemos desenvolver esse amor pela natureza que une os povos, então poderíamos também influenciar a criança a respeitar o próximo, independentemente de cor, gênero, orientação sexual e deficiências. Por que não o fazemos enquanto professores ou até mesmo enquanto cidadãos?

Figura 10 – Cultura de outro país

#### ▶ AS CRIANÇAS DE OUTROS PAÍSES

NO MUNDO HÁ MILHÕES DE CRIANÇAS. HÁ MUITA DIVERSIDADE ENTRE ELAS: A COR DA PELE, OS OLHOS, O CABELO, O FORMATO DO NARIZ, A ALTURA, A MANEIRA DE PENSAR, DE FALAR, DE SE VESTIR, DE MORAR, DE SE ALIMENTAR E OUTRAS DIFERENÇAS.

CADA CRIANÇA É DE UM JEITO, MAS AO MESMO TEMPO MUITAS DELAS TÊM BASTANTE COISA EM COMUM.

VEJA AS FOTOS E LEIA SOBRE A VIDA DESTAS CRIANÇAS.



▶ NA COREIA DO SUL AS CRIANÇAS APRENDEM DESDE CEDO A COMER PIMENTA. A COMIDA MAIS COMUM NO PAÍS É O KIMCHI, UM PRATO DE LEGUMES APIMENTADO. AS FAMÍLIAS COMEM KIMCHI NO CAFÉ DA MANHÃ, NO ALMOÇO E NO JANTAR.

Fonte: Acervo da Autora

Esse capítulo ainda mostrou como são as infâncias em outros lugares do mundo, trazendo como exemplo a Coreia do Sul e a Croácia, em que no primeiro

país é comum crianças desde pequenas comerem *Kimchi*, um prato de legumes apimentados, tradicional da Coreia, o que mostra a sua diversidade gastronômica e que as crianças têm gostos diferentes em cada localidade do mundo. Mas depois de apresentar essas diferenças, volta a perguntar como é ser criança aqui no Brasil, especificamente no lugar onde os alunos residem.

O que veio destacado é a diversidade, que é importante para compreendermos os estudos de grupos humanos. Concordamos, mas o uso da palavra diversidade me remete muito à diversidade em termos como “raças”, gêneros, orientações, que não foram trabalhados, mas sim empregando a diversidade dos gostos e costumes, maneiras de viver e brincar das crianças de variadas regiões. Por final, o livro pediu para o estudante escrever o motivo necessário para respeitar as diferenças.

A próxima atividade exibiu variados quadrinhos contendo informações de crianças e suas infâncias pelo mundo afora, mostrou as vestimentas, a língua, o lugar onde moram, o que comem; muito boa a atividade para que os pequenos pudessem refletir sobre as diferenças entre eles e os outros, seria interessante se a professora da sala conhecesse alguém que veio de outra região ou país para apresentar a eles para que pudessem fazer perguntas, e assim estimular a curiosidade saindo um pouco do papel e dos textos.

Encerramos a unidade um do livro e partimos para a dois, nesse encerramento as autoras fazem uma retomada do que foi apreendido até aquele momento. A segunda unidade pretende trabalhar com a rotina, afinal o nome dela é “Vamos medir o tempo?”.

Começamos com um poema de Vinicius de Moraes, *O relógio*, para a introdução do tema, seguido de um exercício para a reflexão do que foi entendido dos versos citados, em seguida, o material pergunta qual outro título a criança daria para o poema. Apresenta quantas horas tem o dia e uma imagem de como ele foi dividido, achamos interessante a imagem, trabalhar a noção de tempo com elas. Depois veio um exercício fácil de completar a frase e para marcar palavras relacionadas com a marcação do tempo, cujo intuito foi introduzir a noção básica de tempo que provavelmente vai ser trabalhada na próxima unidade.

O livro traz também uma atividade de pintar os quadradinhos das horas de acordo com as atividades que o menino do exercício faz durante o dia de uma cor e durante a noite de outra cor. Na página seguinte é apresentado o relógio, tema que é normalmente trabalhado em matemática, mas nos primeiros anos do ensino fundamental os conteúdos dialogam com as várias matérias, não havendo uma divisão nítida igual à dos anos finais. Foi proposto um exercício para que eles vejam que o mesmo período de tempo pode ter a sensação de passar rapidamente ou vagarosamente dependendo da nossa interação com a atividade que estávamos fazendo.

Em seguida, abordaram a questão na qual várias coisas aconteceram simultaneamente, dentro da nossa casa podem acontecer várias ações ao mesmo tempo realizadas por membros distintos ou ao caminhar na rua também. A palavra destacada foi simultânea. Isso é importante para as crianças entenderem que acontecem muitas coisas ao mesmo tempo, muitas coisas acontecem simultaneamente.

Entramos na questão de dias das semanas para os estudantes aprenderem os nomes e também a questão de posição de dias hoje, amanhã, ontem, anteontem, depois de amanhã, noções relevantes de serem absorvidas pelas crianças, para que elas se localizem no espaço-tempo. Além dos dias da semana, vêm os meses do ano, mas antes dos meses do ano, o material trouxe uma atividade sobre profissões, por mais que o enunciado trate de trabalho em períodos do dia e dias da semana, a atividade apenas pergunta o nome da profissão que foi mostrada.

As atividades dos meses foram variadas, mas nos chamou atenção um calendário feito por um indígena do Acre que mostra os meses do ano com base no que acontece durante eles. Elas trouxeram, ainda que não muito extensamente, atividades que mostram a cultura indígena, como uma forma de “reparação” histórica pelo que os povos brancos fizeram com eles, mas onde entram os negros que também sofreram tanto quanto eles? Segundo a Lei nº 11.645/08:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (Brasil, 2008).

O conteúdo tem que ser ensinado no ensino fundamental, em nosso entendimento deveria ser ensinado em todas as séries, não apenas no final do 5º ano ou então abordando mais uma cultura que a outra, ambas foram importantes para a formação da cultura e do povo brasileiro hoje, não podendo então haver distinção nas formas de abordá-las, pois assim estaremos mostrando novamente que uma entre as duas foi classificada como mais importante que outra.

Na unidade seguinte, foram exploradas as histórias antigas, para mostrar que o tempo continua correndo, com ele temos evoluções de tecnologias e mudanças nas formas de convivência, cultura e costumes. Como em outras ocasiões, as autoras trouxeram um poema para a introdução do tema, gostamos bastante dessa organização, estimulando a leitura e a junção da literatura como fonte de conhecimentos históricos.

O poema fala sobre lembranças dos tempos que passaram e que eram bons, vários textos legais para se trabalhar sobre o passado foram trazidos neste caderno. Trouxe uma história indígena sobre o surgimento das águas, documentos antigos e jornais para mostrar às crianças que o tempo passa e muitas coisas aconteceram com o decorrer dele, a frente do jornal para a análise foi do dia e do ano que o homem pisou na lua pela primeira vez, tivemos muitos avanços depois deste fato.

Além disso, trouxe fotografias antigas para mostrar como estas eram em determinadas épocas e como estão agora; ver a diferença das paisagens e das qualidades das fotografias dos anos passados é necessário para a criança entender

que o que temos e tivemos hoje é fruto de avanços de objetos e tecnologias que tivemos no passado, seja um passado recente ou um passado distante.

O tempo não para, foi organizado todo em cima de comparações entre o passado e o presente, seja de mapas, paisagens, objetos ou veículos. Procuraram mostrar às crianças que as paisagens se modificaram e que tudo muda, o tempo não para ele está sempre correndo e muitas mudanças acontecem simultaneamente e às vezes não conseguimos acompanhar todas elas.

Para encerrar as análises do segundo livro, chegamos na quarta unidade, fechamos com o tema as comunidades e o trabalho. Inicia-se com: *O que é que eu vou ser?*, de Pedro Bandeira (1995), mostrando a infinidade de coisas que as crianças podem ser e desejam ser quando crescerem.

Um enunciado retoma o livro do primeiro ano, dizendo que crianças não devem trabalhar, elas devem estudar e brincar. As escolhas de imagens achamos interessantes, elas trouxeram um trabalhador que colhe maçãs e um dentista, fizeram algumas perguntas do tipo qual trabalho é do campo e qual é da cidade, perguntas fáceis.

Chamou para a discussão que todos devem ter os direitos de escolher a sua profissão e todas devem ser igualmente valorizadas, devendo receber um salário justo e com seus direitos reconhecidos, mas não deixando de lado as responsabilidades a serem cumpridas. Hoje em dia sabemos as dificuldades do mercado de trabalho, que nós enquanto trabalhadores temos mais deveres que direitos, é importante informar isso às crianças também.

Figura 11 – Foto da tirinha da turma da Mônica



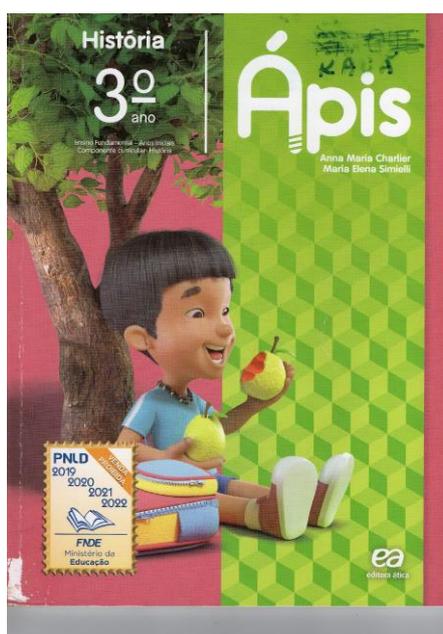
Fonte: Acervo da Autora

Trouxe uma tirinha da Turma da Mônica explicando a origem da palavra salário, pediu para que os alunos façam recortes de trabalhadores e escrevam suas respectivas profissões. No exercício subsequente pede que entrevistem pessoas, escrevam as profissões delas, e com a inicial da profissão escrevam outra profissão. Aborda também as atividades diárias que fazemos e as atividades que fazemos nos finais de semana.

Voltamos à questão de que criança não pode trabalhar, exercer atividade remunerada, mas pode sim ajudar a mãe a lavar a louça ou varrer a casa ou molhar as plantas, são atividades que ajudam a manter a casa em ordem e não são trabalhos.

Por fim, voltamos para o tema meio ambiente, este capítulo mostra às crianças que se deve preservar o meio ambiente, cuidar e zelar por ele, não poluindo, desmatando ou matando os animais por esporte, e não por necessidade. E estimula as crianças a sempre que puderem ajudarem, com o objetivo de desenvolver uma criança cidadã consciente e empática com o meio a sua volta.

Figura 12 – Capa do caderno de história do 3º ano



Fonte: Acervo da Autora

O caderno *Ápis* do terceiro ano está organizado no mesmo esquema dos anteriores, quatro unidades temáticas subdivididas em capítulos. A primeira parte trata da temática de viver em grupos, afinal a vida humana se baseia em um modelo de viver em conjunto com outras pessoas.

O primeiro capítulo, intitulado de “É possível viver sozinho?” nos mostra que não, pois desde a idade da pedra os homens caçavam em bandos, nas figuras que são apresentadas mostram que juntos os seres humanos vivem melhor e que nós dependemos uns dos outros, afinal não haveria escola sem professor e não há professor sem aluno, um exemplo simples que damos. O caderno trouxe a família como exemplo ou seu círculo de convivência – amigos, vizinhos, colegas de trabalho, entre outros – e como máximo disso a comunidade em que vivemos, formada por várias pessoas. Mas para termos uma boa convivência em sociedade, são necessárias regras, mesmo que implícitas.

O capítulo aborda também que nossos círculos sociais estão sempre mudando, não são algo que permanece para sempre. Uma observação que fazemos aqui é que seria um bom momento para trabalhar luto e questões relacionadas à morte, pois é um assunto que pouco se fala. Emoções e

sentimentos desse momento deveriam ser trabalhados, já que visamos formar um cidadão desenvolvido em todas as áreas de conhecimentos.

As autoras acabaram retomando a questão da empatia para com os outros, importantíssimo para a vida em sociedade. Mas isso não quer dizer que ela foi e é desenvolvida na criança, porque, como vimos na pandemia, muitas pessoas não tiveram empatia pelo próximo, pensando apenas em seu próprio bem-estar.

Trouxeram também informações do Museu da Maré, que tem o objetivo de preservar as histórias e identidades dos passados dos moradores em seu entorno, por meio de depoimentos. Achemos interessante essa curiosidade, uma maneira de manter vivas as memórias dos que passaram por ali um dia.

Expuseram além do exemplo do museu, a Rádio Bicuda FM e a banquinha de jornais, que foram feitas por grupos sociais e que deixaram e ainda deixam marcas durante as suas trajetórias, além de apresentarem histórias e lembranças dos fatos ocorridos ou pessoas.

Adentraremos em uma parte que trata da diferença, mas lembrando que somos iguais na vida em sociedade. Diferenças no sentido amplo da palavra, desde cor de pele até a maneira de se comportar. Como de costume, as organizadoras não se envolvem nas partes polêmicas que gostaríamos de ler. Tratam das diferenças de costumes novamente de maneira mais “aprofundada”, que se resume em dizer o mesmo que foi falado no livro passado, porém com textos mais extensos.

Além das diferenças de costumes e das diferenças linguísticas que o Brasil possui, a língua oficial é o português, mas existem muitas outras línguas indígenas. O capítulo indica uma iniciativa de aplicativos de celulares que promete ajudar na preservação das línguas indígenas, mostrando às crianças que essas outras línguas são importantes e que é necessário preservá-las, pois estas fazem parte de nossa história enquanto país.

Para fechar o capítulo, as manifestações culturais que existem no nosso território, que não foram muito comentadas, como a literatura de cordel, o festival folclórico que acontece no estado do Amazonas, a festa pastoril do estado do Alagoas, são tipos de manifestações culturais, comuns naquela região, mas que

muitas vezes o restante do país não conhece. Interessante que o capítulo trouxe outros exemplos além do que as crianças já conhecem, como o Carnaval, a festa junina ou a tradicional festa da exposição do aniversário da cidade e a cavalgada; os conhecimentos e a curiosidade das crianças foram ampliados para que elas pesquisem mais.

Dentro da unidade, trabalha-se também com os direitos das pessoas, direitos iguais para todos, pois segundo as organizadoras, Anna Maria e Maria Elena (Charlier; Simielli, 2017c), para viver bem em comunidade, temos de cumprir deveres e ter os direitos respeitados, a maior parte dos quais se encontra na Constituição Federal (1988).

São apresentados alguns direitos às crianças, e pergunta-se a elas qual acha mais importante para sua pessoa; para cada direito, o estudante deve escrever um dever a ser cumprido por parte dos cidadãos. Prosseguindo, é apresentada uma série de imagens à criança e questionado em qual ela acha que os direitos estão sendo respeitados. São imagens de situações comuns, que mostram a realidade do que acontece no Brasil, mas com as quais às vezes as crianças ainda não se depararam.

O livro aborda que alguns grupos sociais podem ser alvos de preconceitos em razão de suas condições sociais e econômicas serem inferiorizadas. O conteúdo orienta que devemos ajudar a eliminar o preconceito, a seguir apresenta um excerto do livro *Histórias da Preta*, que fala sobre o racismo e o Movimento Negro. Importante a discussão desse assunto com a criança, perguntar o que ela entende por racismo, o que ela entende por preconceito, mostrando para ela o quanto é errado praticar tais atos, para que possamos formar cidadãos conscientes. É um assunto de extrema importância, não que os anteriores não fossem, mas a pesquisa que estamos fazendo é nesta área.

Figura 13 – Foto do texto sobre racismo e movimento negro

Leia o texto abaixo e depois responda às questões a seguir.

**Vamos acabar com o preconceito**

Quando existe racismo, algumas pessoas são aceitas, outras são desprezadas. E isso é muito ruim para a vida das pessoas: na escola, na hora de procurar emprego, de conseguir uma promoção na carreira, na hora de casar, nos filmes, programas e propagandas da TV.

Não é natural ser assim. Todos querem ter e fazer tudo o que é bom. Todos querem ser respeitados. Por isso surgem movimentos como o chamado **Movimento Negro**, grupos de pessoas que têm ideias e praticam ações para defender os direitos dos negros nas casas, nas ruas, no mundo.

LIMA, Heloisa Pires. **Histórias da Preta**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

a) Converse com seus colegas: O que é o racismo? Por que deve ser combatido?

b) Por que o Movimento Negro é importante no Brasil?

Fonte: Acervo da Autora

O Brasil é um país muito racista e preconceituoso com os negros, muitos casos acontecem no dia a dia e não são tratados da maneira correta, mas temos muitos exemplos de casos que acontecem com pessoas famosas que são divulgados na mídia, entretanto muitas vezes o agressor sai impune.

Apesar de ser um tema que poderia ser aprofundado um pouco mais, já que foi proposto pelas autoras, ele apareceu apenas nessa página, julgamos que é muito amplo para se trabalhar dessa maneira. Temos muitos dados e artigos que poderiam ajudar no desenrolar do texto, mas como se trata de uma minoria e de um material oferecido pelo governo, o tema não é aprofundado. A única maneira que ele é apresentado foi abordada acima, e posteriormente com uma atividade que seria uma espécie de banco de palavras.

Figura 14 – Atividade de banco de palavras

Minha coleção de palavras de História

A palavra a seguir já apareceu no capítulo. Vamos pensar um pouco mais sobre ela?

PRECONCEITO

1 Como você acha que as pessoas se sentem quando sofrem preconceito?

2 Preencha a tabela abaixo com o que se pede: *Resposta pessoal.*

Um exemplo de preconceito a que você já assistiu em seu cotidiano	Uma solução para acabar com essa situação de preconceito

» CAPÍTULO 2 31

Fonte: Acervo da autora

Após essa atividade sobre a qual caberia um aprofundamento, o material passa a trabalhar com a poluição do meio ambiente, problemas enfrentados na cidade, voltados para a parte de poluição e saneamento básico, e a retomada do que foi ensinado até agora. Não achamos que seja muito relevante para a nossa pesquisa, por isso optamos por pular para a próxima unidade.

Nela o tema é “As comunidades fazem história”, a abertura é um desenho de uma aldeia indígena. Como já percebemos, vemos muito mais conteúdos sobre indígenas e suas tribos do que negros e suas culturas. Nem só deles é feita a “mistura” do povo brasileiro.

A unidade seguinte expõe as crianças a informações acerca das comunidades indígenas, como elas são, mostra curiosidades sobre. Acaba abordando a necessidade de respeitar essas comunidades e expõe as ameaças que elas vêm sofrendo, por meio do desmatamento, da agricultura e da pecuária.

O próximo capítulo do livro de história do terceiro ano trabalha com A herança africana. Para a introdução do assunto, uma canção do grupo Palavra Cantada como exercício pergunta se os alunos conhecem alguma das palavras africanas e os países que foram citados.

Figura 15 – Foto do trecho da música da banda Palavra Cantada

**Capítulo 4 A herança africana**

Os africanos foram muito importantes para a formação do povo brasileiro. Muitas características da cultura brasileira têm origem na África e nas culturas de seus habitantes.

Vamos conhecer um pouquinho da África? Leia a letra da canção a seguir.

**África**  
 Quem não sabe onde é o Sudão, saberá  
 A Nigéria, o Gabão, Ruanda  
 Quem não sabe onde fica o Senegal,  
 A Tanzânia e a Namíbia, Guiné-Bissau  
 Todo o povo do Japão, saberá  
 De onde veio o Leão de Judá  
 Alemanha e Canadá, saberão  
 Toda a gente da Bahia sabe já  
 De onde vem a melodia do ijexá  
 [...]

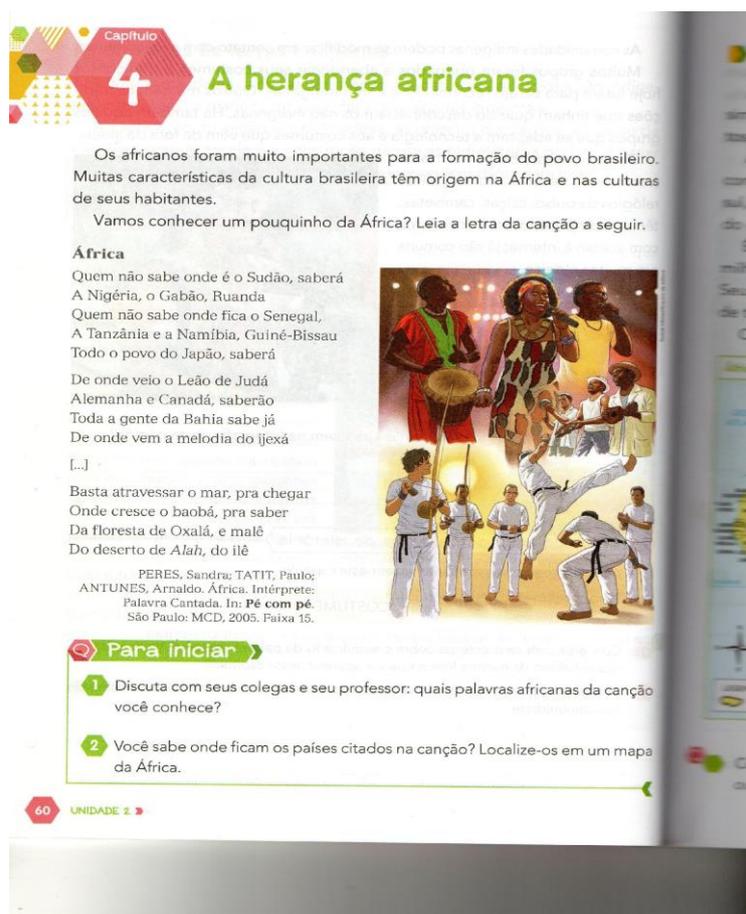
Basta atravessar o mar, pra chegar  
 Onde cresce o baobá, pra saber  
 Da floresta de Oxalá, e malê  
 Do deserto de *Alah*, do ilê

PERES, Sandra; TATIT, Paulo;  
 ANTUNES, Arnaldo. África. Intérpretes:  
 Palavra Cantada. In: *Pé com pé*.  
 São Paulo: MCD, 2005. Faixa 15.

**Para iniciar**

- 1 Discuta com seus colegas e seu professor: quais palavras africanas da canção você conhece?
- 2 Você sabe onde ficam os países citados na canção? Localize-os em um mapa da África.

60 UNIDADE 2



Fonte: Acervo da Autora

Na página seguinte, a diversidade do continente africano foi o conteúdo a ser estudado pelas crianças, explicando que a África, ao contrário do que muitos pensam, não é um país e sim um continente, igual ao continente americano. E assim como no Brasil, existe uma vasta diversidade de línguas, povos e culturas. Explica sobre o clima do continente e que é importante estudar a História da África, pois milhões de africanos foram escravizados por mais de 300 anos aqui no Brasil, trazidos para trabalhar à força, o que também aconteceu com seus descendentes posteriormente.

Figura 16 – Foto do texto da diversidade do continente africano



Fonte: Acervo da Autora

A forma da escrita nos parece transmitir que foi um evento normal e tranquilo, trouxeram umas pessoas para trabalhar aqui no nosso território e tudo bem, mas o que ocorreu não foi bem assim, eles foram vendidos, forçados, amarrados, chicoteados, passaram fome, frio e tudo de pior que o ser humano pode passar, eles sofreram muito, não foi apenas uma saída como se fosse comprar pão na esquina. Temos que mostrar o quão cruel o ser humano pode ser com o outro.

O texto não foca nessa área do conhecimento, digamos que as atrocidades que foram feitas no passado (e que ainda são feitas no presente) foram minimizadas. Apresentam a história do continente, que existem vários dialetos, cidades modernas e vilas tradicionais, que ele foi colonizado por diversos países europeus, então é comum em alguns países da África a população falar outras línguas além dos dialetos africanos.

Antigamente existiam reinos, que foram acabando com o tempo, mas eram regimes comuns, igual tivemos no continente europeu. O livro conta rapidamente sobre os reinos de Gana, Mali, Congo e Benin, os quais trouxeram, quando foram escravizados aqui, técnicas de metalurgia para fabricar instrumentos de trabalho.

Mostra as comunidades afro-brasileiras, as comunidades quilombolas e a cidade de Salvador, que tem como título ser a capital afrodescendente do Brasil, explicando como era e é a vida nos quilombos, mas sempre tudo muito superficial, encerrando-se essa unidade.

A terceira unidade deste caderno Ápis trabalha com a cidade em que se vive. Faremos um apanhado geral desta para não ficar muito extenso, afinal ainda temos dois livros para analisar, Conservação da memória cultural e a Formação cultural.

O primeiro capítulo trabalha com a preservação de memórias da cidade, nada melhor para representá-las do que museus e monumentos históricos que contam partes da história de um lugar, o que foi a base desta parte. Exibe fotografias de monumentos como Zumbi dos Palmares, Os Guerreiros, O forte dos Reis Magos e vários museus, que contaram a história não apenas da cidade como também do Brasil.

A segunda unidade abrange as formações culturais que temos no país, aqui as autoras propuseram as diversas festas típicas de cada região, como as festas de São Benedito, típico em Mato Grosso, o Olodum, na Bahia, a Oktoberfest, em Santa Catarina, o Carnaval, a Festa de Siriri e Boi-Bumbá ou as festas juninas (apesar de esta última existir em várias localidades, cada uma possuiu uma particularidade). Também abrange a parte da arquitetura e os povos que originaram dadas regiões, como o caso dos estados sulistas, que foram colonizados por alemães e italianos, em que traços marcantes deles são observados em sua arquitetura.

Esses tópicos serviram para informar as crianças sobre as diferenças e a importância das tradições e dos monumentos que existem no país. Elas devem conhecer, mesmo que por cima, as diversas culturas do Brasil, mesmo que sejam diferentes da sua.

Por fim, a última unidade deste livro do terceiro ano trabalha com o tema Trabalhar e viver, com início no trabalho através do tempo, demonstrando como as profissões evoluíram com o tempo e como a tecnologia auxilia hoje alguns serviços, pois com o decorrer dos anos muitas máquinas foram inventadas ou aprimoradas para auxiliar ou fazer alguns tipos de trabalho.

Novamente com um poema e questionando as crianças quais profissões citadas elas conhecem e qual delas querem exercer no futuro. Traz também as mudanças em algumas profissões como suspeitamos, e como a descoberta de novas tecnologias fez surgir novos empregos e gerou mudanças nos empregos

antigos. Isso mostra à criança que é necessário estudar para conseguir um emprego, pois hoje em dia as vagas estão mais exigentes.

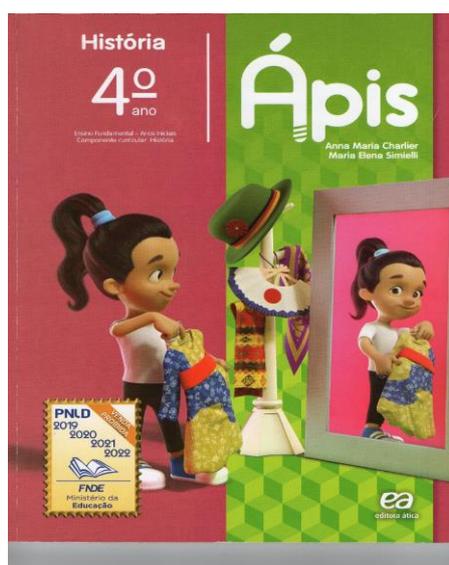
Fala também que antigamente não era comum mulheres estarem trabalhando, como hoje em dia. É relevante mostrar que as meninas podem ser o que quiserem, hoje nada e nem ninguém pode impedi-las.

Além disso, apresenta às crianças a divisão dos setores da economia, primário, secundário e terciário, explicando o que cada um faz. Mostra como era praticada a agricultura antigamente e como é agora por meio de fotografias, mas que ainda vemos em pequenos sítios a agricultura do modo antigo sendo praticada.

O que podemos perceber é que, segundo os cadernos, estamos em constantes mudanças e avanços, seja na linha de produção ou no ambiente e nas condições para a produção. Além das mudanças nos meios de trabalho, voltamos às mudanças da cidade, mas enfatizando os espaços de circulação, com construção de estradas, rodovias e ruas mais modernas, bem como de ciclovias, faixas de pedestres, metrô, rodoviárias e aeroportos mais modernos.

Mostram que as formas de lazer também mudam com o decorrer dos anos. No final, fazem uma retomada do livro, e nas últimas páginas eles trazem um glossário de palavras destacadas durante as atividades e os textos. Esses livros são repetitivos nos conteúdos, é o mesmo conteúdo do livro anterior, só que com mais informações e sem aprofundamento em nenhum assunto. Tudo é tratado de maneira superficial para afirmar que os conteúdos foram trabalhados.

Figura 17 – Capa do caderno de história do 4º ano



Fonte: Acervo da Autora

Chegamos na análise do quarto e penúltimo livro do ensino fundamental, a parte que nos interessou dele foram apenas as duas primeiras unidades, que tratam de migração e da ocupação do território brasileiro, focamos então nessas duas, pois as outras duas são voltadas para meios de transporte, comunicação e comércio, não são a área que buscamos.

De início, as crianças devem escrever o que são migrações, imigrações e emigrações, de acordo com as imagens. Após esse exercício, vem um texto explicando que as pessoas sempre migraram, no começo era em busca de lugares mais seguros, mas depois por melhores condições de vida e trabalho.

O material mostra um mapa de migrações que aconteceram em 2012, fazendo uma análise dele, e traz exercícios e textos que ajudaram as crianças a saberem o que são as migrações. Demonstra, assim, às crianças que não existem apenas brasileiros no Brasil, existem muitos que emigraram para outros países, mas não é esse ponto que queremos chegar.

O foco é na parte das imigrações que ocorreram no final do século XIX e no início do século XX, que veio depois dos conceitos do livro. Apresenta um texto que fala sobre um dos motivos das mudanças dos italianos, pergunta às

crianças por quais motivos eles vieram para o Brasil e as diferenças que havia entre o seu país de origem e o território brasileiro.

Figura 18 – Foto do texto sobre refugiados

**Refugiados: à procura de segurança**

Nas guerras, as cidades e os campos são, muitas vezes, destruídos pelos bombardeios, e a vida das pessoas fica ameaçada.

Muitas permanecem na terra natal, passando por perigos e privações. Outras fogem para lugares diferentes em busca de segurança.

As pessoas que são obrigadas a deixar o país em que vivem por motivo de guerra, catástrofe ou perseguição são chamadas **refugiados**. Essas pessoas estariam em perigo se retornassem ao país de origem.

Desde 2011, há uma **guerra civil** na Síria, país que fica na Ásia. Milhares de sírios já abandonaram o país à procura de refúgio. Vão principalmente para os países vizinhos e para a Europa.

A ONU calcula que milhares de pessoas, muitas delas crianças, foram mortas na guerra e que centenas morreram ao atravessar o mar Mediterrâneo na tentativa de chegar à Europa. Infelizmente nem todos os países estão dispostos a aceitar os refugiados sírios, o que agrava mais ainda a situação deles.



► Cidadãos sírios fogem de Aleppo, uma das maiores cidades da Síria, que hoje está destruída pela guerra. Foto de 2016.

**Principais rotas dos refugiados sírios para a Europa – 2011-2016**



LEGENDA  
Rota de fuga dos refugiados

CONANT, E., CHWASTYK, M., WILLIAMS, R. The World's Congested Human Migration Routes in 5 Maps. **National Geographic**, 2015. Disponível em: <<http://news.nationalgeographic.com/2015/08/150919-data-points-refugees-migrants-maps-human-migrations-syria-world/>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

Fonte: Acervo da Autora

Trazendo para os dias atuais, a situação é igual aos refugiados e os haitianos que saíram fugidos ou buscam melhores condições de vida. Os refugiados estão à procura de segurança, por viverem em locais com constantes conflitos armados, buscam sair de seus países por medo de morrer. Consideramos uma ótima escolha de tema para mostrar, não se prende apenas aos imigrantes europeus do século passado, mostra às crianças que são ações que acontecem o tempo todo, assim como mostra que os outros acolhem esses povos lhes oferecendo a segurança que não tiveram em seus países.

Mas o livro não deixa de lado as migrações históricas que espalharam os povos no mundo, que têm início no continente africano e terminam no continente americano.

Traz o motivo das migrações, que era a busca por comida, os povos eram nômades e passaram a ser sedentários com a aquisição de habilidades de agriculturas.

O segundo capítulo do material didático é introduzido com a canção *Sonho Imigrante*, a qual expõe o sentimento do imigrante quando veio para o Brasil. Nesse começo, as organizadoras mostraram o Brasil português, contaram rapidamente como nos tornamos o povo brasileiro, além das heranças de língua, costumes e religião e outras heranças deixadas aqui, a divisão territorial (Charlier; Simielli, 2017d).

Os portugueses levaram daqui as riquezas de nosso país, como o pau-brasil e o ouro, e fizeram daqui um grande produtor de açúcar. Segundo as autoras, quando eles colonizaram as terras impuseram seus costumes e sua cultura aos nativos e aos negros que foram trazidos e escravizados aqui. E perguntam se a criança tem ou teve algum antepassado português, sugerindo como atividade a pesquisa de sobrenomes de origem portuguesa.

Provavelmente no próximo livro possam aprofundar essa questão da colonização brasileira, pois ao nosso olhar ficou novamente superficial para a série, as crianças já devem ter uma média de nove anos, entendem mais do que está sendo passado a elas.

Depois com a independência do Brasil e os negros libertos da escravidão, precisava-se de trabalhadores, assim foi que muitos europeus vieram para cá. Desse modo, tivemos marcas das suas respectivas culturas nos locais onde os imigrantes se instalaram. É muito comum ver esses traços no Sul e no Sudeste do país, mas traços arquitetônicos nas cidades históricas estão presentes em grande parte delas.

Entramos na unidade dois do caderno, a última que vimos deste livro, pois como foi dito as outras duas não foram interessantes para a dissertação, tendo em vista que abordam temas já trabalhados nos três livros anteriores e que não cabem no que estamos buscando.

Esta unidade tratou sobre a ocupação do território brasileiro. Brasil indígena é contado como os seres humanos que foram originários na África se espalharam para o restante do mundo, chegando até o continente americano,

mesmo que ainda não se saiba ao certo como chegaram aqui. Afirma que antes da chegada dos portugueses, já existiam povos indígenas.

Figura 19 – Foto do texto sobre a chegada dos portugueses

No dia 22 de abril de 1500, os portugueses chegaram pela primeira vez ao litoral da América, mais exatamente onde hoje está o município de Porto Seguro. Vieram em uma **esquadra** comandada por Pedro Álvares Cabral. Como você viu, aqui encontraram indígenas de diferentes povos, cada um com seus costumes e sua língua.

Logo depois de chegar, os portugueses enviaram uma carta ao rei de Portugal dando notícias da nova terra. Leia a seguir um trecho da carta na qual o **escrivão** Pero Vaz de Caminha fala dos habitantes que os portugueses encontraram aqui.

**esquadra:** conjunto de navios de guerra.  
**escrivão:** na época, oficial encarregado de registrar o que aconteceu de mais importante em uma viagem.

**Carta de Pero Vaz de Caminha**

Um deles [dos indígenas] trazia um arco, e seis ou sete setas. E na praia andavam muitos com seus arcos e setas; mas não os aproveitou. Logo, já de noite, levou-os à [embarcação] Capitânia, onde foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro [...]. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El-Rei D. Manuel**. São Paulo: Dominus, 1963. p. 31-32.

Se naquela época os indígenas registrassem os acontecimentos por meio da escrita, o que será que eles escreveriam a respeito dos portugueses? Em grupo, faça o que se pede.

- Conversem sobre como seria a cena da chegada dos portugueses do ponto de vista dos indígenas.
- Escrevam uma carta registrando o acontecimento em uma folha de papel avulsa.
- Troquem a carta que o grupo escreveu com as de outros grupos de forma que todos leiam todas as cartas escritas. Verifiquem se as cartas são muito diferentes ou se contêm informações parecidas.

► CAPÍTULO 3 49

Fonte: Acervo da Autora

Temos um ponto a comentar nesse texto que foi escrito pelas autoras, que foi a “chegada” dos portugueses, passando a versão dos colonizadores para as crianças; não a real, não foi chegada, foi invasão, não foi descobrimento, foi invasão e genocídio dos indígenas que aqui viviam, eles não tinham armamento de fogo para estar no nível dos portugueses, foram enganados e roubados, além de perderem a sua identidade para os portugueses que queriam transforma-los em povos “civilizados”. Mas eles já não tinham a sua própria civilização?

A unidade mostra também o busto de Luzia reconstituído pelos cientistas, um crânio achado no território brasileiro, um dos fósseis mais antigos da América. Além disso, apresenta pinturas rupestres e artefatos antigos que eram usados pela população que aqui habitavam, comprovando que antes da

“chegada” dos portugueses existiam povos, e povos muito antigos que habitavam este território.

Explica que, quando os portugueses desembarcaram aqui, havia uma estimativa de 3 a 5 milhões de indígenas que habitavam as terras, mas que atualmente existem pouco mais de 896 mil, segundo o censo demográfico do ano de 2020. Mas não explica o que aconteceu com os outros milhões, que foram mortos pelos portugueses.

O genocídio dos povos indígenas no Brasil começou com a colonização portuguesa das Américas, quando Pedro Álvares Cabral chegou ao que é hoje o Brasil, em 1500. Segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), a população indígena em 1500 era de aproximadamente 3 milhões de habitantes, sendo que aproximadamente 2 milhões estavam estabelecidos no litoral do país e 1 milhão no interior. Em 1650, esse número já havia caído para 700 mil indígenas e, em 1957, chegou a 70 mil, o número mais baixo registrado. De lá para cá, a população indígena começou a crescer. (Garcia, 2020).

Esse dado mostra que grande parte dos nativos desapareceram depois da invasão dos povos europeus em suas terras, não foram mortos apenas por conflitos armados, mas também pelas doenças que os brancos trouxeram consigo na viagem.

Em seguida, o livro traz um excerto da carta de Pero Vaz de Caminha (1963), descrevendo os indígenas que aqui habitavam, e como exercício pede para as crianças descreverem como elas achavam que foi esse encontro entre as duas etnias, além de escreverem uma carta contando como foi. A princípio, uma atividade interessante, mas como o texto mostrou muito sutil esse encontro, eles vão descrever assim também. Só mais adiante as autoras mostram que houve conflitos e que os indígenas foram escravizados pelos portugueses, e trazem um excerto que conta a versão dos indígenas sobre a colonização.

Figura 20 – Foto do texto sobre as mortes de indígenas depois de 1500

Milhares de indígenas adoeceram e morreram ao entrar em contato com doenças dos colonizadores europeus. Muitos grupos foram mortos pelos colonizadores em combates, massacres e trabalhos forçados. Outra mudança causada pela presença dos portugueses foi o deslocamento de populações indígenas do litoral para o interior.

Em nossos dias, os povos indígenas que restaram estão espalhados pelo Brasil. Esses grupos, porém, não moram apenas no interior e em Terras Indígenas demarcadas: de acordo com o Censo demográfico de 2010, dos pouco mais de 896 mil indígenas do Brasil, cerca de 324 mil vivem em áreas urbanas.

Fonte: Acervo da Autora

Depois de toda a explicação da chegada dos portugueses à escravização do indígena, vêm dois parágrafos falando sobre as milhares de mortes que aconteceram devido às doenças e aos combates com os colonizadores. E mostram o que eles fazem hoje em dia, pois muitos ainda têm uma visão preconceituosa a respeito deles, mas diversos povos indígenas acompanham o desenvolvimento das tecnologias, igual ao restante da população.

Brasil Africano, o texto do caderno mostrou como os africanos vieram parar aqui, os portugueses precisavam de mão de obra para trabalhar nos engenhos e plantações de cana-de-açúcar, então resolveram usar a mão de obra escravizada que foi trazida da África. Retoma a questão da migração, mostrando que nem sempre é por vontade própria, como foi o caso dos negros que foram forçados a virem para cá como mercadoria.

Além de serem tratados como mercadorias, vinham em navios imundos e com pouca comida, condições de higiene escassas, não se esquecendo da saudade de sua terra e sua família, dos quais foram separados brutalmente. A pergunta do exercício é por que a travessia era difícil para os negros, vamos mostrar o motivo com o autor Castro Alves (2007, p. 15), que retrata muito bem essa viagem no poema *Navio Negreiro*. Retiramos um excerto para mostrar como era o sentimento do negro:

Ontem a Serra Leoa,  
A guerra, a caça ao leão,  
O sono dormido à toa  
Sob as tendas d'amplidão!  
Hoje... o porão negro, fundo,

Infecto, apertado, imundo,  
 Tendo a peste por jaguar...  
 E o sono sempre cortado  
 Pelo arranco de um finado,  
 E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,  
 A vontade por poder...  
 Hoje... cúm'lo de maldade,  
 Nem são livres p'ra morrer. .  
 Prende-os a mesma corrente  
 Férrea, lúgubre serpente —  
 Nas roscas da escravidão.  
 E assim zombando da morte,  
 Dança a lúgubre coorte  
 Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!  
 Dizei-me vós, Senhor Deus,  
 Se eu deliro... ou se é verdade  
 Tanto horror perante os céus?!...  
 Ó mar, por que não apagas  
 Co'a esponja de tuas vagas  
 Do teu manto este borrão?  
 Astros! noites! tempestades!  
 Rolai das imensidades!  
 Varrei os mares, tufão!

[...]

Nos versos vemos as saudades que eles tinham de seu lar e como eram tratados dentro dos porões onde ficavam confinados até o final da viagem, se eles sobrevivessem é claro. Mas não era apenas dentro do navio que eram maltratados, quando desembarcavam nas terras de Vera Cruz, o sofrimento piorava, além de serem açoitados, também tinham que trabalhar nos lugares que eram escravizados.

O material didático explica o básico de como aconteceu essa escravização dos negros e que não havia leis que proibissem o tráfico negreiro e nem a escravização por meio dos brancos. Foi assim durante 300 anos, até que surgisse uma lei que proibiu o tráfico negreiro, mas não proibiu a escravização, só em 1888, ano em que foi assinada a Lei Áurea, momento a partir do qual foram libertos os negros escravizados. Como atividade é perguntado às crianças quantos anos durou e quando foi assinada, após isso pede-se para que façam uma história em

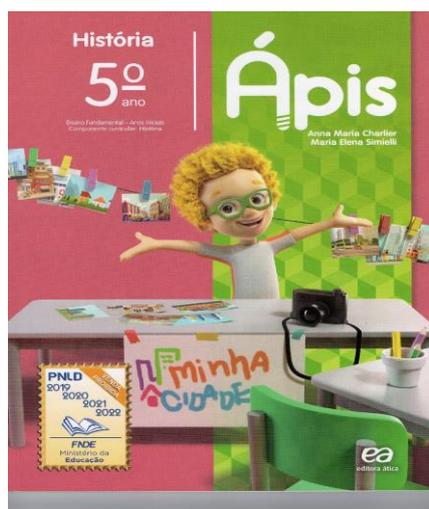
quadrinhos (HQ) desde a sua captura até a abolição. As duas primeiras perguntas são tristes de se analisar, depois de toda uma história, um envolvimento, a pergunta é assim, mas gostamos da parte das HQs, que estimula a imaginação da criança para que ela expresse a maneira que entendeu o Brasil africano, podendo servir de avaliação diagnóstica do conteúdo.

Depois trata das ocupações do território brasileiro. No começo era dividido entre Portugal e Espanha pelo Tratado de Tordesilhas, ocupação que ocorreu de forma mais intensa com o cultivo de cana-de-açúcar, quando os negros foram forçados a vir para cá e ser escravizados. Pergunta sobre as diferenças e as semelhanças entre os engenhos de 1700 para os atuais, quais atividades econômicas existiam no século XVII e quais atividades econômicas existiam no seu estado neste século. A última é uma pesquisa para a criança conhecer a história do estado em que mora, que é apresentado a elas às vezes de maneira bem rápida.

Conta também que a pecuária foi um dos motivos para começar a “interiorização” do país, para não prejudicar a plantação canavieira e que antes era usada para ajudar nos engenhos. As perguntas que vêm a seguir desse texto são fáceis, apenas para a introdução do tema, descrever a cena na gravura, para que servia o gado bovino e se aluno sabe como é feito o transporte de cana hoje em dia.

Por fim, mostra os bandeirantes, com suas expedições, os tropeiros e o café, que foram importantes para a ocupação do território brasileiro. Foram esses os primeiros, depois, com o aumento das vendas do café, foi necessário investir na indústria, que também ajudou a ocupar o território brasileiro. Os exercícios são fáceis, não apenas sobre esses acontecimentos, mas durante todos os livros, sempre fazem perguntas superficiais, iguais ao conteúdo ensinado.

Figura 21 – Capa do caderno de história do 5º ano

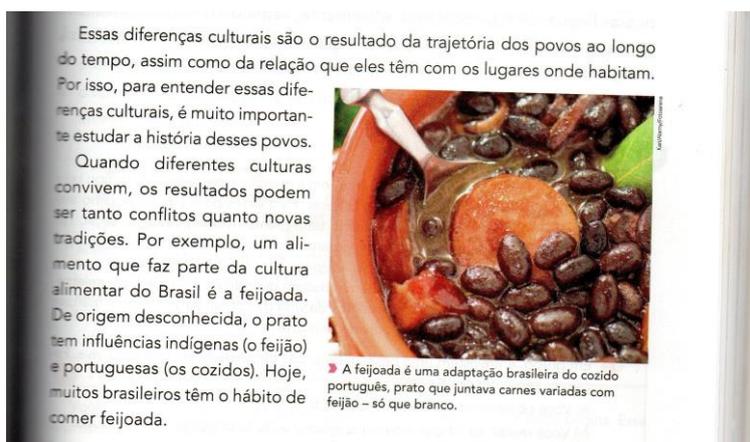


Fonte: Acervo da Autora

O último livro das análises feitas retoma tudo o que foi trabalhado anteriormente. Retomam os povos e suas culturas, as diversidades culturais, os patrimônios culturais, a transmissão de conhecimentos por meio da linguagem, tema que não foi trabalhado anteriormente, mas não procuramos esse tópico para a nossa dissertação.

Não achamos que cabe comentar tudo novamente, pois já vimos nos livros anteriores, e sabemos que os exercícios não são difíceis, são sempre fáceis. Sempre após os textos mostram algo importante e focam a pergunta em algo que não foi muito importante ou de maneira superficial.

Figura 22 – Foto do texto sobre feijoada



Fonte: Acervo da Autora

Neste último livro da coletânea de história da editora Ápis, o que nos chamou muita atenção é que as autoras (Charlier, Simielli, 2017e) afirmam que a feijoada foi um prato adaptado dos portugueses, porém sempre aprendemos que era de origem dos escravizados africanos, pelo prato ser composto pelos restos das comidas que eram oferecidas a eles. E na verdade ele é de origem portuguesa, é de descendência “nobre”, mas pelo fato de ser feito com restos de animais e aparentar ser uma comida “pobre” é passado como se fosse dos negros. Aprendemos errado a história do prato tipicamente brasileiro.

O livro trabalha muito com a questão de tolerância e de respeito aos outros, como nos livros anteriores. É muito positivo que o tema respeito à diversidade seja trazido, mesmo sem aprofundar, pois as autoras não aprofundam os temas que trabalham. Mas só o fato de mostrar esse tema na escola é muito importante, promove na criança um começo de consciência.

Nossa hipótese central, é de que se “raças” não existem nem biologicamente, geneticamente e, portanto, cientificamente, logo o indivíduo racista age (pensa) sob a tutela de outrem (menoridade) que pressupõe a existência de diferentes “raças” hierarquizando-as.

#### **4 EDUCAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS E “RACIAIS” NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Esta seção foi desenvolvida a partir das questões de como o material dos livros didáticos do 4º e 5º anos reforça as relações racistas incutidas na sociedade, entre outras. Para a base de nossa discussão, focamos nos dois últimos cadernos, afinal são eles que trabalham mais com o tema desejado. Eles mostraram mais a cultura negra no Brasil. Pode-se dizer que a educação é importante para a emancipação intelectual do homem e a emancipação dos pensamentos racistas e preconceituosos ainda presentes neste século.

Como foi pontuado na introdução, o racismo ainda sim acontece nos dias de hoje em nosso país, mesmo que ele seja conhecido como um país muito acolhedor, mas acolhedor apenas com os turistas, não com os povos que habitam aqui, já que muitas mortes de jovens negros acontecem todos os dias; somos um país extremamente racista.

Racismo não é apenas quando se mata um jovem negro ou indígena. Existem variadas formas de racismo pouco “sutil” manifestado nas palavras que usamos na maior parte do dia a dia, palavras quando são associadas ao negro têm um sentido negativo, magia negra, humor negro, criado-mudo, a coisa está preta, ovelha negra, lista negra, mercado negro, serviço de preto etc. Quando usamos essas palavras, estamos sendo racistas, mesmo que não percebamos, pois estão incutidas na sociedade e na criação, o que devemos mudar.

Devemos lembrar aos leitores que racismo não acontece apenas com negros, temos os indígenas que sofrem e sofreram bastante com essa violência. Essas atitudes ainda estão muito presentes na sociedade atual, discutimos sobre a emancipação do pensamento das crianças para que essas ações não aconteçam mais.

Outro ponto que pudemos observar nos materiais didáticos é que eles não trabalharam com imagens que mostram negros em lugares diferentes dos que sempre mostram, foram apresentados como crianças ou quando falamos da escravização que sofreram, mas nunca em lugares de privilégio, lugares de poder, pensamos que as imagens acabaram reforçando indiretamente que seus

espaços são em empregos subalternizados. Essa abordagem enrijece a ideia no subconsciente do estudante de que os não brancos têm que estar em cargos inferiores e sem poderes, diferentes dos brancos.

São lugares que ficam predeterminados e fortalecidos para as crianças, a imagem do negro não consegue se desvincular da imagem da escravização, assim como o indígena sempre é retratado com trajes que eram usados há mais de uma centena de anos, não são retratados sem a caracterização que lhes foi atribuída. Quando exposto fora do retrato habitual, causa um espanto, e os estudantes acham que os indígenas estão perdendo a sua “identidade”, mas na realidade é diferente, a questão da identidade e pertencimento deles a sua etnia vai muito além das vestimentas e da tecnologia que usam. Afinal, hoje quase todos estão conectados à tecnologia, com eles não seria de outra maneira.

O que queremos dizer com isso é que se não forem exibidas com mais frequência imagens de negros em outros espaços, esse movimento então será um lento processo para que haja de fato a ação de desvincular a imagem deles do que foi sofrido. Mas não se anula o ponto que é necessário e de suma importância, que seja apresentado o processo de escravização dessa etnia que tanto sofreu pelas mãos dos brancos, porém devemos apresentar da maneira que ocorreu, para que mostre o verdadeiro horror que foi vivido por mais de três séculos.

Como disse Adorno (2020a), é necessário ensinar sobre a barbárie<sup>4</sup> para que ela não se repita, é necessário ensinar sobre a escravidão e sobre as coisas terríveis que fizeram com os negros, além de ensinar a sua cultura que é muito importante para a formação da nossa cultura brasileira, para que não se repitam os atos racistas e preconceituosos, é necessário mostrar o que eles passaram para que as nossas crianças entendam e não reproduzam as atitudes racistas dos adultos que as cercam.

Emancipação, para Immanuel Kant ([1784]), como dito na primeira sessão se configura na saída do homem da menoridade intelectual e na passagem para a maioridade intelectual. O homem passa por esse processo deixando de aceitar

---

<sup>4</sup> Aqui Adorno se refere ao holocausto contra o povo judeu. Para este autor, “Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão” (Adorno, 2020, p. 118). Nossa barbárie seria a escravização do povo negro e a dizimação do povo indígena. Não estamos a comparar as violências, mas sim a chamá-las pelo nome.

opiniões e aceitar o que a sociedade impõe a ele, passando a pensar por conta própria e a fazer ações sem se importar com o que a sociedade vai achar.

Os livros do 4º e 5º anos mostram um pouco da cultura negra e indígena, e da escravidão. Apesar de trabalhar com essa temática, como pontuado, as autoras não se envolvem, não aprofundam o tema ou mostram o que acham interessante contar, além de terem uma visão branca da história.

Através os livros, foi possível ver o posicionamento da sociedade sobre esses assuntos. Como não é muito discutido nos livros, passam uma ideia de que a classe dominante não quer e não deseja polêmicas com esse assunto, o racismo. Para eles, é melhor que continuem ensinando dessa maneira para que não haja questionamento por meio das “minorias” sobre as atitudes que foram e são tomadas ainda hoje.

Cômodo a eles que a educação não mostre a realidade e nem assuntos polêmicos que possam causar um alvoroço na parcela pobre da sociedade. Desse modo, o sistema social gira em torno do que eles querem que seja passado às crianças, o tipo de conhecimento que desejam que elas possuam e que sempre foi voltado para a parte trabalhista, nunca para um conhecimento emancipador.

No quarto livro didático da editora Ápis, a cultura negra é apresentada, as autoras falam sobre as imigrações forçadas que ocorreram no início da colonização brasileira para com os povos negros trazidos à força do continente africano para serem escravizados aqui, mas apenas isso, não mostram muito a dor e a dificuldade que foram enfrentadas por eles. E acabam reforçando o descaso com a história negra ao não mostrar o real sofrimento, ao apenas tratar assunto de extrema importância de maneira mais profunda, como os alemães fizeram e fazem com o horror de Auschwitz.

É preciso que ambas as classes, dominante e dominada, tomem consciência de quão importante e necessário é trabalhar a escravidão, que perdurou por anos e anos no Brasil, para entender os seus reflexos atualmente. É possível talvez acabar com o problema. Mas para isso acontecer, temos que pensar

De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a

pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstrosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. (Adorno, 2020a, p. 118).

E quando não trabalhamos com ela a fundo, damos brechas para que isso ocorra novamente como Adorno (2020a, p. 118) nos mostra:

A reflexão a respeito de como evitar a repetição de Auschwitz é obscura pelo fato de precisarmos nos conscientizar desse elemento desesperador, se não quisermos cair presas da retórica idealista. Mesmo assim é preciso tentar, inclusive porque tanto a estrutura básica da sociedade como os seus membros, responsáveis por termos chegado onde estamos, não mudaram nesses vinte e cinco anos [...] Isto não pode ser minimizado por nenhuma pessoa viva como sendo um fenômeno superficial, como sendo uma aberração no curso da história, que não importa, em face da tendência dominante do progresso, do esclarecimento, do humanismo supostamente crescente.

Usando a visão adorniana, a escravização e o racismo que acontecem ainda no ano de 2024 não vão acabar tão cedo se não mudarmos atitudes que são incutidas pelos donos dos meios de produção. A educação deve mostrar a realidade das classes menos favorecidas, trabalhar com tópicos polêmicos e importantes para a formação de um cidadão empático e melhor do que somos hoje.

Pensando neste último ponto, os livros didáticos foram insuficientes, não apenas em relação ao conteúdo abordado, mas também à forma como abordaram o conteúdo. Eles trataram como se não fosse algo tão grande, como foi a escravização dos não brancos, a forma que foi apresentada leva a pensar que tudo foi resolvido quando assinada a Lei Áurea, que os negros não sofreram mais com a escravização e que hoje em dia está tudo bem com eles. Não expõem que esses povos sofrem ainda com as consequências do passado de diversas formas diferentes, com a falta de estudos, empregabilidade – quando conseguem empregos, são em cargos inferiores aos dos brancos e com insalubridade, não que não existam negros em cargos altos dentro de empresas, mas são bem raros os casos que ocorrem comparando aos brancos – moradia, capital econômico, além das violências verbais e físicas que são obrigados a passar pelo fato do seu tom de pele.

Por esses motivos que este material didático peca, mesmo que não tenha intenção de acabar com o problema do racismo da sociedade. Seria interessante se trabalhasse de maneira que o conteúdo sobre a trajetória negra no Brasil fosse ricamente mostrado, não precisa ser toda a história, mas pelo menos os tópicos importantes. Mostrar a história e cultura dos povos negros, na visão deles, não na visão dos brancos, expor a dor deles contada por eles próprios e não por terceiros de “raças” diferentes que não vivenciaram e vivenciam essas atitudes.

É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos. Os culpados não são os assassinados, nem mesmo naquele sentido caricato e sofista que ainda hoje seria do agrado de alguns. Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica. Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância. (Adorno, 2020a, p. 120-121).

Observamos na citação o que estamos tentando explicar desde o começo da dissertação, é necessário ter uma educação que promova a reflexão e a autorreflexão dos atos preconceituosos cometidos pelas parcelas dominantes da sociedade. Isso precisa ser questionado, e um lugar bom para tal é na escola, caberia a ela promover uma educação reflexiva aos seus estudantes, mas como vimos não foi o que aconteceu nos materiais de história que analisamos. A educação reflexiva não é o que acontece nela, a escola esquiva-se de polêmicas em uma tentativa de tornar-se neutra. Acaba, por fim, reproduzindo as ações da sociedade, tornando-se reprodutora dos comportamentos sociais racistas, machistas, homofóbicos, xenofóbicos, entre outros.

Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do

que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua idéia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado. (Adorno, 2020c, p. 140-141).

Adorno complementa mais à frente a sua opinião sobre a importância da educação e como ela ocorre:

A importância da educação em relação à realidade muda historicamente. Mas se ocorre o que eu assinali há pouco — que a realidade se tornou tão poderosa que se impõe desde o início aos homens —, de forma que este processo de adaptação seria realizado hoje de um modo antes automático. A educação por meio da família, na medida em que é consciente, por meio da escola, da universidade teria neste momento de conformismo onipresente muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que de fortalecer a adaptação. (Adorno, 2020c, p. 144).

A educação formal é importante para mostrar que podemos resistir ao que nos é imposto, é dever dela mostrar como podemos ser fortes se levantarmos a voz e lutarmos contra as violências que a população negra sofre. Mas acontece que ela é uma grande aliada do sistema, acaba assim perpetuando as atitudes preconceituosas e racistas que existem na sociedade.

Além dos livros, devemos olhar para os professores e como eles trabalham esse conteúdo, e para suas atitudes e ações que podem influenciar o ensino, eles devem fazer uso de sua razão em modo privado, como pensou Immanuel Kant ([1784]). Se ele for racista, quando está dentro do ambiente escolar não deve externar isso às crianças, deve mostrar a elas que não se deve cometer racismo e outros tipos de violência, jamais deve mostrar que apoia, mesmo que apoie.

A ideia de razão privada e pública vem de Kant ([1784]). Segundo ele, existem locais e momentos em que se faz necessário ou que somos obrigados a não externalizar as nossas opiniões sobre dados assuntos:

[...] uso privado àquele que alguém pode fazer da sua razão num certo cargo público ou função a ele confiado. Ora, em muitos assuntos que têm a ver com o interesse da comunidade, é

necessário um certo mecanismo em virtude do qual alguns membros da comunidade se comportarão de um modo puramente passivo com o propósito de, mediante uma unanimidade artificial, serem orientados pelo governo para fins públicos ou de, pelo menos, serem impedidos de destruir tais fins. Neste caso, não é decerto permitido raciocinar, mas tem de se obedecer. (Kant, [1784], p. 3).

Claro que o governo não quer que os professores passem a ideia de que são racistas, para ele os mestres do saber tinham que acompanhar a evolução da educação, que é uma educação para a igualdade e que forme um cidadão bem desenvolvido, não apenas no cenário de trabalho, mas social também.

Ao fugir de polêmicas, as autoras fogem também de propiciar uma educação que forme cidadãos íntegros na sociedade. Esses assuntos são extremamente presentes no dia a dia da vida social de qualquer pessoa, principalmente das pessoas não brancas. Se não for na escola onde as crianças aprenderão esses assuntos e que isso é crime, que não devemos cometer atos de racismo e deixar ninguém passar por isso, esses temas serão ensinados onde? Entendemos que a escola tem de ser formadora para a liberdade e autonomia da criança e adolescente.

Esta é responsável pela educação de todos os indivíduos, ainda que não seja a única formadora deles, mas é nela que se aprende o necessário para a vida social e pessoal. É nela que formamos pensadores ou reprodutores das ações da sociedade.

Se nela temos o poder de ensinar as crianças a não cometer os mesmos erros que os nossos, por que ainda sim o fazemos? Por não ensinamos a elas pensarem por si próprias, para que, ao invés de serem mais uma reprodutora dos modelos cruéis da sociedade, elas sejam as que transcendam e mudem essas atitudes, como o é o caso do racismo.

Podemos educar os pequenos mostrando a realidade da comunidade negra brasileira, além da cultura e da sua importância para a formação da nação brasileira de hoje em dia, mostrando que os povos negros e indígenas não são bichos e que não devemos tratá-los como se fossem.

Segundo Kant ([1784]), é mais cômodo ao homem permanecer em sua ignorância, mas até quando essa ignorância irá custar vidas negras inocentes,

até quando vai custar a liberdade deles, até quando esses tipos de violências continuarão acontecendo?

São muitas perguntas e poderíamos solucioná-las ensinando as crianças a pensarem por sua própria conta. Para isso acontecer, temos que tornar a escola um lugar que mostre a realidade do que acontece no mundo, que as eduquem de maneira a torná-las autônomas.

Mas para a elite que detém o comando não é interessante, para ela é desejável que o povo permaneça em sua ignorância, aceitando o que lhe é imposto sem manifestações. Essa situação está sendo cômoda para a população também, pois não precisa se preocupar em opinar sobre nada, mas as pessoas não sabem o mal que fazem a si próprias.

[...] os seus animais domésticos e evitado cuidadosamente que estas criaturas pacíficas ousassem dar um passo para fora da carroça em que as encerraram, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça, se tentarem andar sozinhas. Ora, este perigo não é assim tão grande, pois acabariam por aprender muito bem a andar. Só que um tal exemplo intimida e, em geral, gera pavor perante todas as tentativas ulteriores. (Kant, [1784], p. 2).

Nessas palavras, Kant ([1784]) mostra que essa passagem da minoridade para a maioridade ou o alcance da autonomia gera pavor, não apenas na elite que corre o risco de perder seu posto, mas na minoria que tem medo de tentar.

Essa explicação foi necessária para que compreendamos que o racismo foi e é de fato perpetuado na sociedade pela falta de autonomia intelectual das pessoas que a compõem. Por isso, como dito anteriormente, devemos educar as crianças para atingir essa autonomia, construindo assim uma sociedade menos preconceituosa e tóxica para as pessoas.

Semear preconceitos é muito danoso, porque acabam por se vingar dos que pessoalmente, ou os seus predecessores, foram os seus autores. Por conseguinte, um público só muito lentamente consegue chegar à ilustração. Por meio de uma revolução talvez se possa levar a cabo a queda do despotismo pessoal e da opressão gananciosa ou dominadora, mas nunca uma verdadeira reforma do modo de pensar. Novos preconceitos, justamente como os antigos, servirão de rédeas à grande massa destituída de pensamento. (Kant, [1784], p. 2).

Neste trecho de seu texto, o autor mostra o que estamos tentando expor. É muito mais interessante uma população que não aceita as imposições do que uma que apenas abaixa a cabeça e consente a esses atos. Mas sem a autonomia, não se consegue o que propomos. É necessário educar as massas.

Os livros trabalham pouco para termos uma educação antirracista, que ensine a população a prezar por uma educação que seja emancipadora, para que possam, dessa maneira, quebrar o círculo e pensar fora da bolha, para que a população possa olhar e ver que está errado tratar os negros de forma diferente só pelo fator da cor da pele, em razão da quantidade de melanina presente.

Como Immanuel Kant ([1784]) expõe em seu texto, é um ato que dói, dói crescer, dói pensar, dói evoluir, mas se não quebrarmos o ciclo, continuaremos aceitando o que é imposto e o que é dito como verdade, por preguiça e medo do desconhecido, medo de sair da zona de conforto.

Zona de conforto esta que nos tornou um país racista e extremamente preconceituoso. Muitos anos já se passaram desde que a escravidão foi abolida, mas a forma de tratamento dos negros não se foi junto com ela. Pensando nisso, a escola pode ajudar, incentivando as crianças a saírem de sua minoridade e buscarem a sua maioria.

Não existe uma receita que se usa para que se faça entender o quão errados são esses atos, mas a escola deve dar o primeiro passo junto com a família, ensinar os alunos a valorizarem a cultura e a identidade negras para aqueles que não são negros, e para os que são ensinar a ver beleza em sua cultura e enxergar a sua identidade, incentivar as crianças a não se prenderem em padrões brancos.

Portanto, esta dissertação se fez necessária para mostrar talvez um dos motivos que a nossa sociedade ainda tem ações extremamente racistas e preconceituosas para com os negros. Ações essas que deveriam ter acabado junto com a escravidão há mais de 100 anos.

Não se deve julgar ou condenar as pessoas pela tonalidade da cor da pele, não existe “raça” ou cultura que seja melhor ou pior que a outra. São pensamentos muito antiquados para o século XXI, ideias que já deveríamos ter superado, ideias que deveriam estar enterradas.

Porém, a elite dominante é quase a mesma e segue com os mesmos pensamentos daquela época, retrógrados, pois já evoluímos muito para ainda continuar a prática do racismo. Mas são as opiniões deles que estão prevalecendo, desde sempre.

A escola e os livros didáticos giram em torno do que a elite deseja que seja ensinado, informações que querem que sejam passadas às crianças, deixando-as sempre moldadas aos seus desejos e ao mercado de trabalho. Afinal, elas não precisam opinar, apenas servir de mão de obra, para o sistema.

Não é interessante para as classes dominantes que se eduquem as crianças para a autonomia, mas é o que a escola deveria fazer, ela deveria educar para romper esse ciclo vicioso que é o sistema antiquado que vivemos. É necessário educar para a libertação e para a autonomia.

Devemos educar as crianças para que elas não reproduzam o pensamento e as opiniões dos adultos e da sociedade racista em que vivem, devemos educá-las para serem melhores que a geração atual e que tornem a vida dessa parcela da população melhor e menos triste, dolorida.

Devemos mostrar às crianças que é necessário que elas rompam esse ciclo. Que elas possam ter a autonomia de pensar por si próprias e não reproduzirem atitudes da sociedade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente dissertação buscamos trazer a discussão sobre a abordagem de o livro didático ser um auxiliador ou não no processo de construção de uma identidade racista, se esse instrumento ajuda na promoção de uma emancipação como é pensada por Adorno (2020b), que fora pensada anteriormente por Kant ([1784]), em que o homem deve sair da tutela da sociedade, adquirindo a emancipação. O autor afirma que homem que permanece nessa tutela por escassez de sua coragem e de tomada de decisão para tomar as rédeas de seu destino sem a orientação da sociedade – emancipação esta que poderá talvez ajudar a romper com o ciclo de atitudes racista.

A resposta que nos fica clara é não. Depois das análises feitas, entendemos que os livros didáticos não estão preparados para servir como base de conhecimento nessa área, pois faltam uma compreensão e uma abordagem mais profundas sobre o assunto, que é importantíssimo atualmente. Afinal, para que haja a evolução de uma sociedade, nós devemos pensar em melhorar as condições e os direitos básicos de todos os seres humanos, e esse é o ponto como podemos melhorar a sociedade que trata os povos negros e indígenas de forma inferiorizada, tendo atitudes violentas e pejorativa com esses grupos étnicos.

Vemos que o problema tem raízes mais profundas do que pensamos, mas por onde devemos começar? Pelas escolas? Pela legislação? Nas seções anteriores, fica claro que temos leis que determinam o ensino das culturas e histórias africana e indígena no Brasil, mas elas de fato são cumpridas? Quando observamos o livro *Ápis*, podemos dizer que sim, a lei realmente é cumprida. Mas não de maneira eficiente, não de maneira que informe às crianças do nosso país a verdadeira história por trás de tantos anos de negação e inferiorização dessas cultura e história; os livros didáticos não dão voz para o lado dessas etnias contarem a sua verdade, sobre a sua história. O conteúdo só é apresentado pela obrigatoriedade da lei.

Esse é o motivo de esta pesquisa ser relevante para pensarmos o porquê ainda aceitamos sem nenhuma discussão o que nos foi imposto pela elite pensante. Por qual razão ainda não conseguimos sanar ou diminuir atitudes extremamente

preconceituosa e racistas, cheias de ódio para com a população negra que habita este país? Nação esta que tem como fama ser calorosa e acolhedora, como se fosse um coração de mãe, mas que, para com os seus, se mostra dura e rígida, punindo os cidadãos diferentes, menosprezando a sua própria cultura e história, marginalizando e criminalizando seus filhos pelo fato de serem negros.

A cor da pele, ainda atualmente, pesa muito nos julgamentos e condenações que são feitos na sociedade. Mas essa característica nada tem a ver com caráter ou com pré-disposição a determinados comportamentos. A cor da pele é apenas a quantidade de melanina que ela possui, não pode ser usada como classificação de “raças”, até porque já está comprovado cientificamente que não há “raças”, como o senso comum gosta de dizer, existe apenas a raça humana e pertencem a ela todos os seres humanos, habitantes desse planeta. Também não podemos usar a cor da pele para julgar a cultura e a história dos povos, não existem culturas melhores e nem piores, existem apenas culturas diferentes que devem ser respeitadas.

Essas ideias deveriam ter sido quebradas e superadas há muitos anos, pensamentos retrógrados assim apenas servem para nos mostrar o mal que fazemos aos outros e a nós quando não vamos em busca da autonomia (emancipação), está mais do que na hora de enterrarmos estas ideias antiquadas junto com o século de onde elas surgiram pela primeira vez.

Quando olhamos para o ponto de quem ainda domina a sociedade, poucas coisas mudaram, quem detinha o poder na época ainda detém hoje em dia. A mesma sociedade daquela época ainda domina – claro, com novas pessoas no comando, mas ainda são as mesmas famílias – nos dias de hoje, e com os mesmos pensamentos ultrapassados e retrógrados. E esta elite dominante que ainda detém esse poder não colabora com as mudanças da sociedade que não sejam para benefício de sua classe. Afinal, já nos transformamos muito para continuar praticando atos racistas e preconceituosos para com os negros.

Porém, observando, notamos que não há muito progresso neste ponto, pois a opinião que continua prevalecida é a dela, a elite dominante. Todos os dias os negros sofrem racismos e todos os dias eles são tratados como culpados

por algo que eles não têm culpa, só por serem negros, e todos os dias ninguém os defende, nos fingimos de cegos, de surdos e mudos, e não ajudamos, como foi o citado caso do jogador Vinícius Jr., que sofreu uma série de ataques racistas e ameaças pela cor de sua pele, as autoridades esportivas não o defenderam, o deixaram sem nenhum apoio e sofrendo por algo que nem deveria existir.

Ao vermos situações como essas, devemos pensar como trabalharemos elas na escola, visto que é onde todas as pessoas passam e formam suas identidades. Os materiais didáticos oferecidos pelo governo muitas vezes não trazem para a discussão assuntos com esses, eles apenas abordam a cultura e a história negra na maioria das ocorrências superficialmente.

Percebe-se então que os assuntos que são abordados na unidade escolar e nos materiais didáticos são escolhidos pela elite dominante da sociedade, ela decide o que deseja que as crianças aprendam, e assim a sua vontade, que é uma ordem – pois ela tem poder e ela é poder –, passa a ser cumprida no ambiente escolar. Passa-se a moldar as crianças e os adolescentes para que sigam os padrões do mercado de trabalho (seres humanos que apenas obedecem às regras que lhes foram impostas, não as questionam e as reproduzem como os demais), pois a estrutura social não precisa de pessoas ativas e autônomas intelectualmente, apenas de indivíduos que sirvam de força braçal para o sistema.

Como vimos nas sessões anteriores, é mais vantajoso aos dominantes que não haja mudança nessa estrutura com o autogoverno (emancipação), uma vez que, conforme Adorno (2020b, p. 185), “[...] a exigência de emancipação [...] repousa na formação da vontade de cada um em particular, [pois] é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento”.

Notamos que não é bem assim que acabam acontecendo as coisas, pois como citado anteriormente, a elite dominante não deseja que os dominados sirvam ao seu próprio entendimento, fazendo então a sociedade ficar nos mesmos moldes e nos mesmos pensamentos e não evoluindo.

Quando analisamos os livros Ápis, vemos que esse material não desenvolve os pontos necessários para que efetivamente seja abordada a situação atual dos negros no nosso país. É um material que não atinge as

expectativas desenvolvidas durante a pesquisa, esta era de um material que aborde de maneira mais atual o que os negros sofrem todos os dias, não apenas relembando o passado, pois para mudar o pensamento temos que entender o passado e olhar o presente.

Não podemos apenas ficar focados no passado tentando entendê-lo, porque o presente continua sendo construído e continua afetando milhares de vidas que poderiam ser modificadas se houvesse mudanças atuais.

Não dizemos que o material didático está errado ao abordar a escravidão ou trazer a cultura do continente africano, mas sim que o material peca no ponto de apenas abordar esse conteúdo quando fala de história e cultura negra. Ele poderia explorar o vasto repertório que esse tema proporciona, como: a desigualdade social, as violências verbais, as violências físicas, as leis, os conceitos que ajudam a compreender melhor sobre o assunto; existem muitas possibilidades.

Mas para além desses temas citados acima, temos também situações que poderiam ser abordadas, como: negros e negras com carreiras de sucesso, em cargos de lideranças, em cargos de políticos, de juízes, em lugares de destaques. Não apenas em lugares inferiorizados, sendo mandados por alguém que sempre é branco, como quando os materiais trazem figuras e imagens de negros sendo catadores de reciclagens ou sendo empregados. É muito comum acontecerem essas situações nos materiais didáticos, pois são cenários que ocorrem na sociedade atual.

Porém, esses cenários influenciam de maneira indireta na formação do racismo no estudante e na visão pejorativa da identidade negra, pois se ele apenas tem contato com imagens que mostram pessoas negras em cargos inferiores e sempre subalternos aos brancos, o aluno entende que é “normal” e que a sociedade deve se manter assim, inculcando na mente dos alunos que os negros não podem ter cargos melhores que os brancos, esse é o desejo da elite dominante.

Qual identidade esses livros formam nos alunos negros? Que eles não precisam ter perspectivas de alcançar mais que um emprego de empregado doméstico, empacotador de mercado, catador de reciclagem, entre outros, sempre inferiorizando o que é ser negro. Dessa maneira, os alunos acabam crescendo com o sentimento de que não conseguirão empregos melhores que

esse e que, por mais que tentem, eles não passarão dessa meta, pois quando eles observam as imagens não são apresentadas a eles outras perspectivas de vida e escolhas além dessas já impostas pela elite que domina o mercado de trabalho e a sociedade.

Ninguém quer ser associado a uma identidade negra onde sempre é menosprezado, destrutado e sexualizado (Fanon, 2008).

O que podemos refletir desses pensamentos de Frantz Fanon é que os homens não brancos nem eram considerados seres humanos, nem para os brancos e nem para eles mesmos. Eles não desejavam possuir essa cor de pele, pois além de não serem considerados gente, ainda tinham conexão com tudo aquilo que representava coisas ruins na sociedade. Essa era a identidade que eles possuíam e que a sociedade ainda quer incutir nessa população hoje em dia, por isso que é comum vermos crianças negando a sua cor de pele.

Além de não serem considerados seres humanos, os povos negros carregam consigo as marcas da violência em seu corpo pela cor de pele, ela já predetermina que eles “devem” ser alvo de dominação. Segundo Silva e Mwewa, (2022, p. 37), “[...] o povo negro carrega a marca da escravidão [escravização] em seu próprio corpo (como se os chamados brancos nunca tivessem sido escravizados), no constante apelo à produção da sua autonegação produzida”.

Os negros a partir de seu nascimento já eram e são alvos de dominação da população branca. Eles são uma peça para que o sistema funcione, alguém tem que dominar e alguém tem que ser dominado, sendo assim, o branco definiu a sua própria característica para dominar o restante do mundo.

Como dito anteriormente, o negro não era nem considerado gente, mas era necessária a sua existência na sociedade para que houvesse alguém para ser dominado apesar de ser visto perante os olhos da Europa e do Ocidente como não existente. E para que possa então reivindicar algum direito atualmente, ele precisaria primeiramente existir perante a sociedade branca. E é aqui que as divisões de “raças” se mostram. Segundo Silva e Mwewa (2022, p. 38), “[...] o conceito de raça permite aos negros, por exemplo, valorizar a característica que os difere das outras populações e romper com as teorias raciais formuladas no século XIX e que, até hoje, permeiam o imaginário popular”.

E essa sociedade acaba por limitar e restringir o negro de ter acesso a muitos lugares e bens produzidos por eles mesmos, por causa da cor de sua pele, sendo essa uma atitude racista muito comum que presenciamos atualmente e que é recorrente há anos. Esta já está enraizada na sociedade e afeta diretamente a forma das pessoas se relacionarem umas com as outras. Muitas vezes essa atitude está disfarçada ou mesmo vem de maneiras “sutil”: “O raciocínio racista, quando formulado de forma cordial, com sorrisos simpáticos, torna-se particularmente perigoso, pois domestica a rebeldia, amansa a indignação e enraíza ainda mais essa mentalidade no espírito coletivo” (Silva; Mwewa, 2022, p. 39).

Então apresentar imagens de pessoas negras em diferentes lugares ou abordar temas atuais como o racismo no livro didático seria o mínimo que as autoras poderiam fazer para começar a mudança e influenciar a saída das crianças da minoridade, para que talvez consigam se libertar dessa sociedade antiquada. Mas não é o que acontece, a atitude que é apresentada pelas autoras, ainda que implícita, reforça o racismo na sociedade, não contribuindo com o encaminhamento da saída da minoridade dos alunos, vejamos que, ainda que seja implícita e sutil, sim é um ato racista que corrobora o mecanismo de dominação da elite branca. Coloca os negros em uma condição de subalternos e dominados, mantendo a ideia dos estereótipos, que eles não são capazes de produzir nenhum pensamento crítico que contribua para a evolução humana, eles apenas serviriam para o trabalho braçal e a reprodução.

Quando vemos essa situação, qual a identidade que está sendo mostrada aos alunos no material didático? Ele não apresenta imagens que incentivem a mudança no pensamento dos demais para que, a partir desse momento, seja possível caminhar para a construção de uma identidade negra, que os alunos não sintam vergonha de dizer que são, ou que seja possível construir uma autonomia nos alunos para que eles rompam com as associações que são feitas com os negros.

Como dito no decorrer da dissertação, se o material didático trabalhasse não apenas a cultura e a história sobre a escravização dos negros, pensamos que poderíamos estar formando opiniões diferentes e uma valorização da identidade negra. Lógico que mostrar a cultura africana foi uma forma de

valorizar, mas nesse material ela acaba sendo apresentada superficialmente, de modo que foi apenas para cumprir a lei. Também sabemos que Adorno (2020a) nos diz que é preciso mostrar a barbárie, e falarmos dela para que não se repita, porém quando apenas focamos nela, pensamos que não deixamos espaço para a formação ou o debate de um problema mais atual, como o caso do racismo e da formação de identidade nos alunos.

Não devemos reduzir a história e a luta do povo negro do Brasil apenas à escravização que eles sofreram, é necessário falar sobre ela sim, mas não somente associá-lo a esse fato, pois quando falamos sobre as vidas negras nas escolas só apresentamos aos alunos esse tópico.

Devemos apresentar as outras situações, para além da escravidão, apresentar novas oportunidades de empregos, oportunidade de ingressar nas faculdades, caminhos diferentes do que a elite impõe indiretamente, pois quando fazemos isso motivamos os alunos, principalmente os alunos não brancos, a buscarem novas oportunidades.

Mudamos ainda que minimante a maneira de vermos o mundo, dando aos alunos negros oportunidade de mudar a dinâmica imposta quando virassem a chavinha e entendessem que eles podem estar em qualquer lugar que o colega branco esteja. E que não é por causa do tom de pele que eles devem se sentir limitados.

Então se não houvesse essa limitação subjetiva, pelo fato de os materiais não apresentarem os negros em lugares diferentes, eles poderiam transitar em todos os lugares e empregos sem serem julgados e sempre rebaixados, os fazendo duvidar de sua capacidade, sempre tendo que explicar como conseguiram chegar a ocupar lugares de “respeito” na sociedade.

Como dito anteriormente, essa atitude do livro didático, de não trazer imagens que possam apresentar maneira diferentes de ver o mercado de trabalho ou lugares que até então é um lugar ditos de “brancos”, em nosso ponto de vista é sim uma atitude racista. Não nos padrões que estamos acostumados a ver, os quais aparecem raramente nos noticiários das emissoras de televisão, mas que quando aparecem são de cunho da violência física. Racista, pois como dissemos ela impõe subjetivamente aos alunos os locais que eles podem frequentar e os empregos que eles podem ou não ter.

O material analisado não abre um leque para que os alunos possam se encontrar, se ver em outros lugares sem ser nos que eles já estão acostumados e que já estão predeterminados a eles.

Além disso, vemos também, como falamos anteriormente, que é um material omissos aos assuntos contemporâneos que dizem respeito ao racismo e às ideias de etnias e culturas diferentes. Ele não aborda situações que acontecem no cotidiano do nosso Brasil, eles não abordam qual a situação atual do homem negro aqui, apenas foi trabalhada a escravização dele e a cultura africana a partir da África, mas não a partir do que os negros produziram aqui no Brasil depois da escravização.

É interessante trabalhar a cultura africana da África, mas não podemos deixar de trabalhar a cultura africana do Brasil. Apesar de ela ter dado origem à última, há aspectos diferentes entre elas, há costumes distintos entre elas, e são esses os pontos que deveriam ser estudados pelos alunos que moram aqui. Deveria ser valorizada e apresentada a cultura afro-brasileira, pois para os alunos ela que terá sentido.

É importante os estudantes saberem a origem da cultura africana, mas seria ainda mais importante se eles conhecessem a cultura do país. A cultura afro-brasileira é um dos pilares para a formação da cultura que temos aqui, mas que pouco se fala, que pouco se debate ou se apresenta aos alunos. É outro assunto que o material didático poderia abordar, mas que não tem nenhuma menção ou algo do gênero.

Nesta linha de raciocínio e para ficar de questionamento, indagamos qual a formação que os professores possuem para lidar com essas situações de racismo quando acontecem em sala de aula? Qual a formação que é oferecida no curso de licenciatura? Será que os cursos dão um suporte a este assunto? Se oferecem disciplinas, quais são? Como são trabalhadas?

Os professores necessitam de uma formação que seja ampla e que aborde assuntos de etnias, afinal são os professores que irão trabalhar com o material didático e que irão montar aulas e planos para que o assunto seja ensinado. Por isso é importante que eles recebam uma formação adequada que ajude a trabalhar

com esses temas, para que eles possam auxiliar no processo formativo de pensamento crítico na criança sobre os atos racistas e preconceituosos.

Se os professores não têm a formação necessária, como então vão trabalhar as culturas afro-brasileira e indígena? Ele será formador também e ele deve ter um preparo bom para saber como lidar e trabalhar, para que possa promover à criança uma boa educação com respeito às identidades dos colegas, tornando a escola um lugar acolhedor e não um local que promova atitudes violentas e racistas. Pois se o professor não possui conhecimento da história e cultura dos negros, como ele poderá dar uma aula, como ele poderá lidar com a questão do racismo quando acontecer em sala de aula? E como ele pode ajudar a romper com esse ciclo?

## EPÍLOGO

### RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM AMBIENTES ESCOLARES

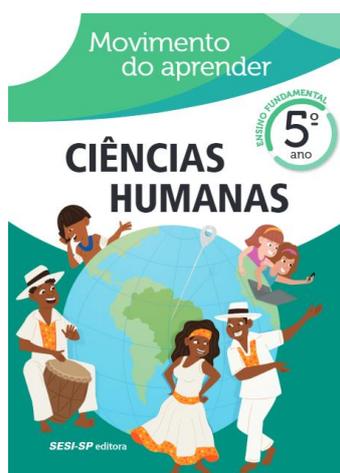
Me formei em 2021, e desde então comecei a prestar processos seletivos e concursos na região da cidade de Andradina (SP). Fui aprovada no processo seletivo de 2021 para ingresso na rede municipal de ensino da cidade de Mirandópolis no ano de 2022.

Me foram atribuídas na época uma sala de 5º ano e uma sala de 4º ano, nas quais eu ministraria as aulas das disciplinas de língua portuguesa e ciências humanas. O ano letivo iniciou-se ao final de janeiro de 2022, mas sem nenhum tipo de material didático, a orientação que nós professores tivemos era de apenas no primeiro bimestre fazer atividades diagnósticas com os alunos e retomar os conteúdos do ano anterior.

Iniciamos os materiais didáticos por volta do mês de março, mas a orientação recebida da coordenação era dar maior visibilidade aos campos de língua portuguesa e matemática, pois seriam as áreas que os alunos estavam com maior defasagem de conhecimento.

O material que seria implantado naquele ano era novidade aos professores da rede municipal de ensino, o material escolhido pela diretora de educação havia sido o SESI, sendo então novidade no município, raros os professores que tinham contato com esse material, os casos que ocorriam eram por segundo cargo.

Figura 23 – Capa do livro didático de ciências humanas do 5º ano, SESI-SP



Fonte: Acervo da Autora

O material SESI são livros didáticos que têm como um dos princípios dar autonomia para os seus estudantes, para que eles possam refletir sobre a sua realidade e assim formar opiniões, o professor tem papel de mediador nessa função.

Ele solicita muitas rodas de conversas e debates, levando o aluno a pensar sobre os assuntos abordados, que são atuais, interessantes e importantes para a vida em sociedade. Sempre propõe que o aluno construa a sua resposta de acordo com a sua opinião, tanto que no livro do professor não vêm respostas, apenas maneira de se trabalhar o conteúdo, mediando as discussões dos estudantes.

Dito isto, citarei as unidades temáticas que estão presentes nesse material de ciências humanas, quais sejam: Geração do Brasil; A formação do Estado brasileiro; Projeto de nação; Modernizar para crescer; Transformações na vida urbana; Progresso para quem?; Ditadura militar e abertura política; O Brasil e o mundo globalizado; A importância do clima; e Transformações no espaço brasileiro. Esses são os conteúdos que deveriam ser trabalhados no 5º ano de acordo com o SESI-SP.

A grade curricular das escolas contempla apenas duas aulas de ciências humanas, e o conteúdo é muito denso para apenas duas aulas semanais. E essas aulas estavam sendo deixadas de lado por recomendação da coordenadora, para que déssemos maior foco às matérias mais “importantes”.

Quando comecei o livro didático no segundo bimestre, já havia perdido muitas aulas de ciências humanas, e, conforme foi relatado acima, o conteúdo tinha discussões muito densas que os alunos não estavam acostumados, afinal era algo novo. Então em todas as aulas eu tinha que retomar os conteúdos e discutir os pontos de vista deles sobre os assuntos determinados.

Era previsto que trabalhássemos pelo menos duas unidades temáticas por mês, mas na prática não foi o que ocorreu. Consegui trabalhar com eles as duas primeiras unidades, que abordam como surge o nosso país; nesse material, os autores apontam para os estudantes que o Brasil foi invadido pelos portugueses, e na segunda unidade trazem conceitos do que é uma nação, como o Brasil se tornou independente e suas fronteiras territoriais. Já a terceira unidade, que é inteiramente dedicada aos negros e indígenas e suas histórias e trajetórias, não tive a oportunidade de mediar o debate, pois havia chegado ao final do primeiro semestre letivo.

Após as férias escolares, recebemos novas orientações da coordenadora, que deveríamos pular essa unidade temática e ir para a próxima, para que assim desse tempo de terminar o livro didático. Segundo ela, quando terminássemos, poderíamos voltar para as unidades que as professoras não conseguiram passar antes das férias escolares.

Os alunos do 5º ano não tiveram naquele ano o conteúdo sobre a história dos povos negros e indígenas, não foi algo pontual em apenas uma sala, isso ocorreu em todas. Quando este conteúdo tem a oportunidade de ser trabalhado, já que não veio ao final do livro didático como é costumeiro nas demais editoras, a oportunidade de debater sobre o tema justamente com as crianças maiores, que em teoria teriam uma maior capacidade de argumentação e de formação da sua maioria intelectual nesse assunto, o planejamento acabou dando errado.

Figura 24 – Capa da unidade quatro do livro didático de ciências humanas.



Fonte: Acervo da Autora.

Como afirmado anteriormente, nesse ano também lecionei em uma sala de 4ºano, e com eles foi possível trabalhar todo o material de ciências humanas. O foco foi essa unidade, visto que ela trata sobre a história e a cultura africanas.

Esse material trouxe muitos textos para serem trabalhados com os alunos sobre a história e a cultura africanas, levantando debates sobre as opiniões deles de acordo com os textos apresentados.

O plano da escola é feito mensalmente e é referente à maneira que a/o professora/or irá trabalhar a atividade, por exemplo: na atividade 1 a leitura será feita em dupla, e os estudantes deverão refletir sobre o texto e responder à questão. Então o meu planejamento era apenas assim, e não de fato como seria abordado por mim em sala de aula.

Quando fui trabalhar com os alunos, não me sentia preparada para dar aula sobre esse assunto, apesar de ter feito disciplinas no curso de pedagogia, ler sobre o assunto e participar de um grupo de pesquisa, não me sentia confiante para ministrar esta aula. A sensação de dar aula pela primeira vez sobre a história e a cultura africanas me fez questionar se conseguiria fazer com que entendessem e compreendessem a importância de estudarmos essa temática.

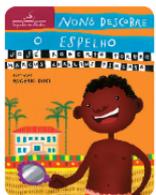
Quando de fato fui abordar esse tema com os estudantes, o começo foi tranquilo, pois apresentava a África continente, em que lugar no mundo está localizada, e depois que o material foi introduzindo a cultura de fato, trouxe até sugestão de filme, mas que não foi oportuno passar aos alunos. Ao começar a introdução das atividades, as crianças apresentaram bastante questionamentos sobre tudo.

No decorrer da unidade acerca dos negros escravizados que foram trazidos à força para o nosso território, durante as aulas tentei fazer com que eles compreendessem a gravidade da violência que os negros sofreram e ainda sofrem atualmente. Busquei fazer comparações dentro das realidades deles, e eles sempre me questionavam o porquê de as pessoas terem feito isso. Respondia que algumas pessoas se achavam melhores que outras, e que por conta desse ego alto elas cometiam atrocidades com as outras que julgavam ser inferiores por conta da cor de pele e que mereciam esse tratamento, elas apenas pensavam no seu próprio benefício, enquanto está bom para o seu lado o mundo está às mil maravilhas.

Os alunos ficaram muito sensibilizados com o excerto da história de *Nonô descobre o espelho*, já que ele era uma criança assim como eles, que tinha sonhos e família, mas que tudo isso lhe foi tirado com a escravidão.

Figura 25 – Excerto do texto *Nonô descobre o espelho*

- 4 Nos anos em que a escravidão foi permitida no Brasil, entre os séculos XVI e XIX, crianças também foram capturadas e obrigadas a sair do continente africano e viver como escravizadas no Brasil.
- O livro **Nonô descobre o espelho** conta a história de Nonô, um menino alegre e falante que foi preso quando brincava próximo de sua aldeia, ainda na África. Ele foi trazido ao Brasil num navio negreiro. Vamos ler um trecho da história?



Nós andamos vários dias no meio da mata, até que avistamos uma praia e, lá longe, no meio do mar, um barco parado. Um barco não, um navio. Um navio não, um baía de um naviozão.

Ele era comprido e tinha umas árvores sem galhos fincadas no meio. Essas árvores tinham panos amarrados nelas.

Os marinheiros mandaram a gente descer para o porão. Já tinham umas trezentas pessoas lá. Era um lugar escuro, abafado e o cheiro parecia uma mistura de suor, comida podre e bicho morto.

Logo fui acorrentado pelo pescoço. O cadeado nem tinha acabado de fazer seu clique e um homem vestido de preto desceu as escadas. Ele usava um colar com uma cruz de madeira e era muito, muito estranho. Os cabelos dele não eram enrolados e sua pele não era negra como a de todo mundo. Era branca!

A viagem estava começando. Ela ia durar quarenta dias.

Quarenta dias em que fiquei sentado num canto.

Quarenta dias em que não vi o céu, o sol, a lua, as nuvens e as estrelas.

Quarenta dias sem receber um ventinho.

Quarenta dias aguentando um calor de matar.

Quarenta dias lutando pelos restos de comida que eram jogados para nós.

Quarenta dias fazendo xixi e cocô ali mesmo onde eu estava.

Quarenta dias sendo atirado de um lado a outro como uma pedrinha dentro de um chocalho.

Quarenta dias com saudades de meu pai e de minha mãe.

João Roberto Izquierdo; Marcio Aurélio Pimenta.  
Nonô descobre o espelho. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 31-34.



Navio negreiro, de Johann Moritz Rugendas, c. 1830.

Fonte: Acervo da Autora.

Depois de lermos, levantei o seguinte questionamento em sala: se eles achavam certo ou errado essa situação e por quê? E se eles aguentariam viver da maneira que os negros foram obrigados a viver. A sala toda disse que não concordava com o que os povos negros sofreram nas mãos dos brancos, e os alunos disseram que não aguentariam passar por isso. Eles perguntavam se as crianças também passaram por essa violência, e respondi a eles que sim, eles ficaram chocados com tamanha violência que foi praticada.

Além dessa parte mais densa, o livro didático apresenta aos alunos mais sobre a cultura africana, como contos, como era a educação e palavras de origem africana que usamos no dia a dia. Creio que consegui transmitir para as crianças o principal, que era o foco da unidade, que eles compreendessem o quão errada foi a escravização dos povos negros que perdurou por anos no Brasil, uma enorme barbárie que os brancos que aqui residiam cometeram.

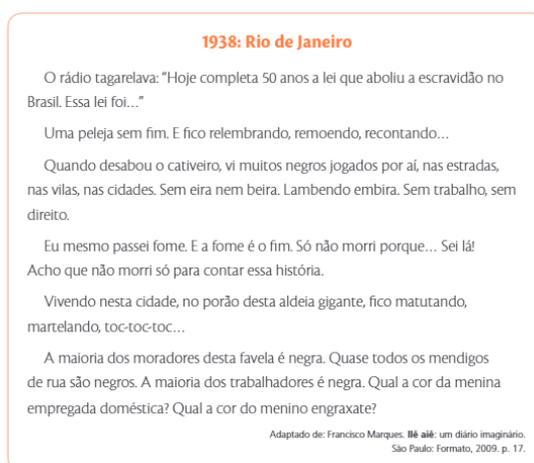
Em 2023 novamente me foi atribuída uma sala de 5º ano, quando tive a oportunidade de trabalhar com eles a unidade que no ano de 2022 não me foi

oportuno. Troquei de escola, mas ainda no mesmo município, porém a escola que trabalhei era de periferia. Também comecei o livro didático bem antes comparado ao ano anterior.

Esta unidade é diferente do 4º ano, ela trouxe não apenas a história da escravização no Brasil como também trouxe a realidade vivida pelos negros no Brasil. As pesquisas solicitadas aos alunos são de conceitos como etnia, entre outros, que dão sentido à unidade e à formação de opinião do aluno.

Trabalha com o samba-enredo da Mangueira e outra canção que mostra a realidade do negro no país. O material trouxe textos para os alunos refletirem sobre os dias de hoje, por exemplo, com o excerto abaixo pedi para que fizessem a leitura do trecho e me indicassem se eles viam semelhanças ainda na atualidade, alguns responderam que sim e outros que não.

Figura 26 – Trecho sobre as condições dos negros em 1938



Fonte: Acervo da Autora.

Continuei seguindo o material didático e levantando ideias a serem debatidas por eles, tentando fazê-los pensar sobre a sociedade em que eles estão inseridos. Lemos posteriormente dados que mostram as taxas de analfabetismo, conforme a figura a seguir.

Figura 27 – Dados sobre o analfabetismo

Dados que mostram o abismo social entre negros e brancos	
<b>Taxa de analfabetismo é duas vezes maior entre os negros</b>	
Em 2013, a população branca tinha 8,8 anos de estudo em média, já a negra, 7,2 anos. A diferença, no entanto, já foi maior. Em 1997, os brancos chegavam a estudar por 6,7 anos em média e os negros paravam nos 4,5 anos – isso seria o equivalente ao primeiro ciclo do ensino fundamental. Mesmo assim, a taxa de analfabetismo entre os negros (11,5) é mais de duas vezes maior que entre os brancos (5,2).	
<b>Renda dos negros é 40% menor que a dos brancos</b>	
Rendimentos médios reais recebidos no mês	
Raça/Cor	Renda média
Branco	R\$ 1.607,76
Negro	R\$ 921,18
Brasil	R\$ 1.222,90

Fonte: Anexo estatístico da publicação Políticas Sociais. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/8-dados-que-mostram-o-abismo-social-entre-negros-e-brancos/>>. Acesso em: 4 set. 2020.

Fonte: Acervo da Autora

E depois de analisar os dados, eu perguntei a eles o que achavam sobre isso, muitos me disseram que achavam errado as pessoas ganharem menos por causa de sua cor, outros não responderam, já alguns me disseram que era racismo. Então nesse momento vi a oportunidade de adentrar nesse tema com os alunos e perguntei o que eles entendiam por racismo. A maioria me disse que era quando chamamos alguém negro de “preto” ou quando chamamos de “macaco”, expliquei que eles estavam certos, mas que racismo não era apenas isso, expliquei para eles de maneira que eles pudessem entender de onde surgiu o conceito de “raças” e as maneiras disfarçadas que o racismo aparece na sociedade, como quando pedimos um lápis cor de pele para nos referir à cor salmão.

A partir desse momento, eles passaram a me questionar sobre as cores de pele e estava explicando a eles que nos documentos, quando temos que preencher, tínhamos sempre as opções de tons de pele para responder, que são: branco, negro e pardo. Expliquei a eles que pardo não existia, que pardo era apenas o papel que usamos na escola, e uma aluna que tem traços fenotípicos negros me disse que ela não se considerava negra, pois ela não era tão “escura” quanto as gravuras apresentadas ou o colega de turma que se considerava negro, ela disse que ela era parda, e o colega olhou para ela e disse que ela era da mesma cor que ele, então ela era negra.

O debate deles me ficou marcado, pois a situação que ela passa apesar de ser criança muitos outros passam, já não querem ser negros devido a tantas ideias ruins que estão ligadas à palavra negra(o) no mundo e a tanta violência que é sofrida por eles.

No decorrer do ano letivo, conversando com os demais professores entramos em debate em que uma professora de certa idade e branca me disse que não concordava que a maioria das vagas de faculdade sejam para cotistas, sejam eles de escolas públicas, negros, deficientes, porque a filha dela não conseguiu entrar na faculdade federal em razão de chamarem apenas as cotas primeiro e depois a ampla concorrência. Eu disse a ela que as universidades federais, as quais são públicas, em teoria, foram feitas para atender a estudantes oriundos das escolas públicas e não os ricos.

Após essa conversa, o meu amigo D., também professor dessa escola, me relatou um fato ocorrido com ele. Me relatou que estava na escola e explicando sobre a mistura durante a exploração do tema da miscigenação em sala de aula, ele teria sido confrontado por um aluno cujas características eram marcadas pela negritude, perguntando sobre sua própria cor. Então D. respondeu rapidamente explicando não só a ele mas a outros estudantes que, curiosos, seguiram com perguntas semelhantes, criando um diálogo aberto sobre diversidade.

O desdobramento dessa narrativa trouxe à tona uma ausência prolongada desse aluno. E por causa da constante falta, D. resolveu relatar o caso à coordenadora. Os dias se passaram até que eles obtiveram a informação de que o aluno enfrentava sérios problemas de saúde, justificando sua ausência. Porém, a história toda tomou um rumo inesperado quando a mãe procurou a escola.

Para relatar a versão dela dos acontecimentos, disse que D., como professor, havia dito termos discriminatórios, chamando seu filho de "preto" e até mesmo de "macaco". Essas acusações foram passadas ao diretor, que no mesmo momento tomou a frente da situação, prometendo medidas adequadas.

Quando ele foi confrontado com as acusações, D. foi surpreendido por uma possível ameaça de processo por parte da mãe. Ele procurou evidências para provar que a mãe estaria mentindo. Buscou os registros da caderneta, onde

anota os conteúdos ministrados em sala de aula, apresentando o que realmente ocorreu no dia em questão. Então o diretor, após uma revisão cuidadosa, concordou com a versão de D., reconhecendo que não havia tido discriminação.

Porém, era necessário que houvesse testemunhas além das crianças, D. conversou com a professora auxiliar, que confirmou a versão dele dos eventos, o diretor também conversou com outros docentes que testemunharam a conduta adequada. Após dias de análise, o diretor convocou novamente a mãe, esclarecendo que as alegações do filho estavam equivocadas. Advertiu-a sobre a possibilidade de um processo reverso e a orientou a apresentar a verdadeira situação do aluno.

Ficou claro que o estudante, na verdade, evitava a escola durante as avaliações, inventando toda a situação para justificar sua ausência. A mãe foi alertada sobre a importância de uma comunicação efetiva com a escola para evitar mal-entendidos e preservar o ambiente educacional. Esse episódio destacou a necessidade de promover um ambiente inclusivo e compreensivo, onde os mal-entendidos possam ser esclarecidos com diálogo e evidências.

## REFERÊNCIAS

8 DADOS que mostram o abismo social entre negros e brancos. EXAME, São Paulo, 20 nov. 2014. Disponível em: <https://exame.com/brasil/8-dados-que-mostram-o-abismo-social-entre-negros-e-brancos/>. Acesso em: 30 maio 2024.

ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz. *In*: ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Tradução de: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2020a, p. 129-150.

ADORNO, Theodor. Educação e emancipação. *In*: ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Tradução de: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2020b.

ADORNO, Theodor. Educação para que? *In*: ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Tradução de: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2020c.

ALVES, Castro. Navio negreiro. *In*: **Navio negreiro e outros poemas**. São Paulo: Saraiva, 2007.

BANDEIRA, Pedro. **Por enquanto eu sou pequeno**. São Paulo: Moderna, 1995.

BELINKY, Tatiana. **Diversidade**. São Paulo: Quinteto Editorial, 1999.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 19 mar. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as leis de diretrizes e bases da educação nacional. [Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 18 mar. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10639.htm). Acesso em: 16 out. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.645, de 10 de março 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 11 mar. 2008. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 29 nov. 2022.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El-Rei D. Manuel**. São Paulo: Dominus, 1963. p. 31-32

CHARLIER, Anna Maria; SIMIELLI, Maria Elena. **Ápis história, 1º ano**: ensino fundamental, anos iniciais. 2 ed. São Paulo: Ática, 2017a.

CHARLIER, Anna Maria; SIMIELLI, Maria Elena. **Ápis história, 2º ano**: ensino fundamental, anos iniciais. 2 ed. São Paulo: Ática, 2017b.

CHARLIER, Anna Maria; SIMIELLI, Maria Elena. **Ápis história, 3º ano**: ensino fundamental, anos iniciais. 2 ed. São Paulo: Ática, 2017c.

CHARLIER, Anna Maria; SIMIELLI, Maria Elena. **Ápis história, 4º ano**: ensino fundamental, anos iniciais. 2 ed. São Paulo: Ática, 2017d.

CHARLIER, Anna Maria; SIMIELLI, Maria Elena. **Ápis história, 5º ano**: ensino fundamental, anos iniciais. 2 ed. São Paulo: Ática, 2017e.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008

GARCIA, Maria Fernanda. Genocídio no Brasil: mais de 70% da população indígena foi morta. **Observatório do terceiro setor**, São Paulo, 6 mar. 2020. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/genocidio-brasil-mais-de-70-da-populacao-indigena-foi-morta/>. Acesso em: 31 maio 2023.

GRAZZIOTIN, L. S.; KLAUS, V.; PEREIRA, A. P. M. Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. *Pro-Posições*, v. 33, p. e20200141, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pp/a/GJCbBcY4rdVdvQY56T9qLRQ/?lang=pt#>. Acesso em 19 mar. 2024.

HALL, Stuart, **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: Acesso em: 2 jul. 2021.

IDENTIDADE. **Míni Aurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 6 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

KANT, Immanuel. **O que é iluminismo?** Tradução Artur Morão. [S. l.]: MIA, [1784]. Disponível em: [www.marxists.org/portugues/kant/1784/mes/resposta.htm](http://www.marxists.org/portugues/kant/1784/mes/resposta.htm). Acesso em: 2 jul. 2021.

MBEMBE, Achille. **O sair da grande noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Tradução: Narrativa traçada. Portugal: Edições Pedagogo, 2014.

MODELLI, Laís. Desmatamento na Amazônia na temporada 2020/2021 é o maior dos últimos dez anos, diz Imazon. **G1**, [Rio de Janeiro], 19 ago. 2021. Amazônia. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/amazonia/noticia/2021/08/19/taxa-anual-de-desmatamento-na-amazonia-e-a-maior-do-ultimos-dez-anos-diz-imazon.ghtml>. Acesso em: 31 maio 2023.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, v. 68, p. 45-57, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira)**. UFF, Rio de Janeiro, n. 5, p. 15-34, 2004.

MWEWA, Christian Muleka; SILVA, Alex Sander. Notas de um pensamento da circulação e da travessia em Achille Mbembe. **TRANS/FORM/AÇÃO**, Marília, v. 45, p. 33-50, 2022. Edição especial.

MWEWA, Christian Muleka; VAZ, Alexandre Fernandez . Corpos, cultura, paradoxos: observações sobre o jogo de capoeira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n.2, p. 45-58, 2006.

NASCIMENTO. Maria Letícia B. P. A criança concreta, completa e contextualidade: a Psicologia de Henri Wallon. In: CARRARA, Kester (Org). **Introdução à psicologia da educação: seis abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004. cap. 2, p. 47-69.

RAMOS, Rossana. **Na minha escola todo mundo é igual**. São Paulo: Cortez, 2004.

SESI. **Movimento do aprender: Ciências Humanas: 5º ano EF**. São Paulo: Editora Sesi-SP, 2021.

TOLERÂNCIA. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tolerancia/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

HQ	História em quadrinhos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
SESI	Serviço Social da Indústria
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso